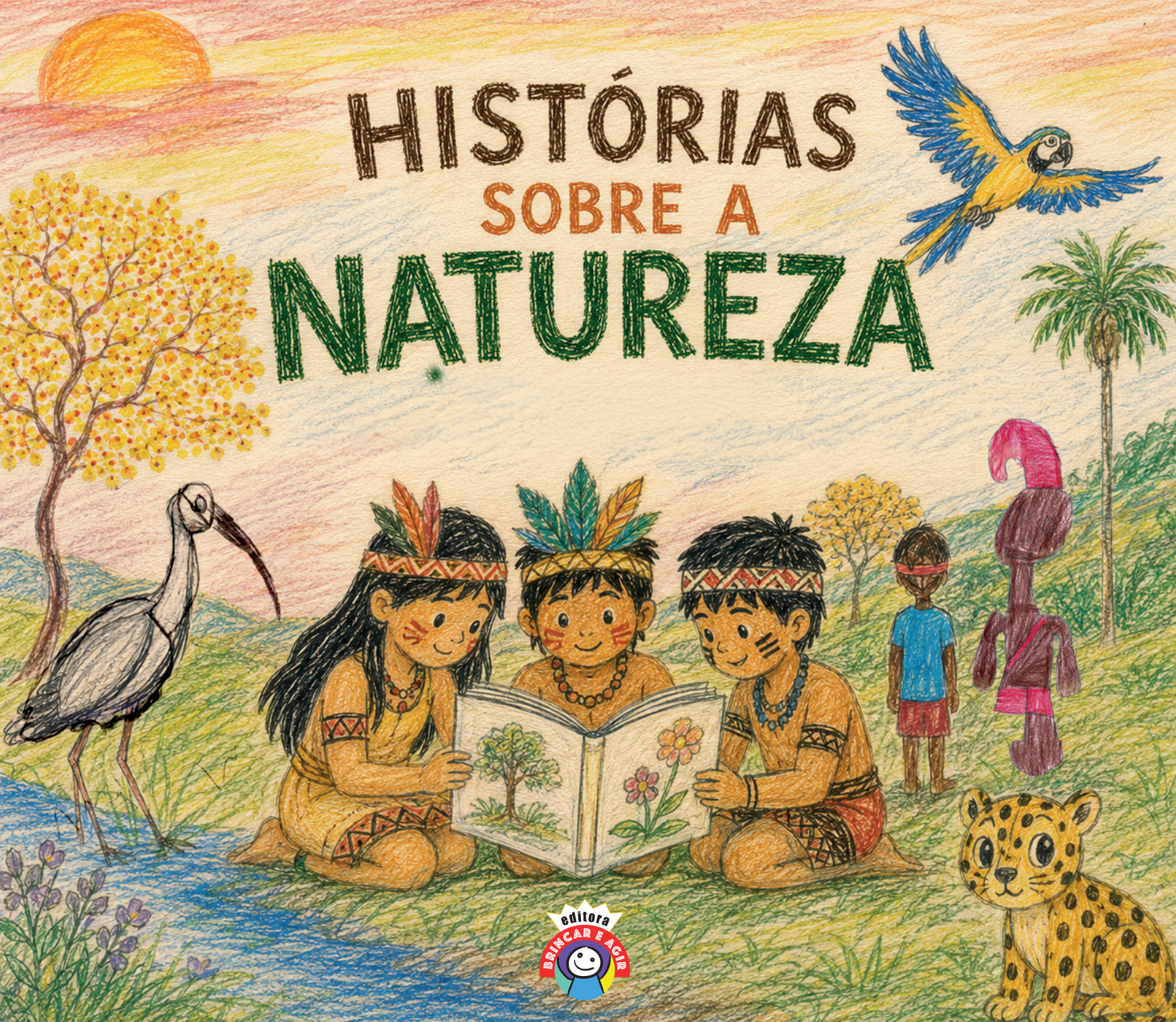


HISTÓRIAS SOBRE A NATUREZA





CLARA ROSA CRUZ GOMES

HISTÓRIAS SOBRE A NATUREZA



Brasília - 2026



HISTÓRIAS SOBRE A NATUREZA

Realização: **Editora Brincar e Agir**

Organização: **Clara Rosa Cruz Gomes**

Revisão Português: **Rita de Cássia Barreiro**

Capa Divanir Junior: **Ilustração digital com recurso de IA
com desenhos dos estudantes**

Projeto Gráfico e Design: **ONIXBR Design**
 (61) 9.9884-4905

Direitos de Publicação **Clara Rosa Cruz Gomes**

Telefones: (61) 981755512

e-mail: clararosaenatureza@gmail.com

www.clararosacruzgomes.com.br

GOMES, Clara Rosa Cruz, 1975-

Histórias sobre a Natureza / Organizadora Clara Rosa Cruz Gomes;
Textos e Ilustrações Estudantes da Escola. - Brasília: Editora Brincar e Agir, 2026.

ISBN: 978-65-02-32494-3

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

CDD 028.5

Informações para o leitor

Este livro é resultado de uma prática pedagógica exitosa desenvolvida pela Escola Classe 312 Norte, construída de forma coletiva, com o protagonismo das crianças, dos professores e da comunidade escolar.

Em respeito aos princípios éticos que orientaram este projeto, são identificados nominalmente apenas os estudantes cujos responsáveis autorizaram a publicação de suas histórias e desenhos. Os demais participantes são mencionados de forma coletiva, como estudantes da turma, preservando sua identidade e reconhecendo que todos contribuíram de maneira significativa para a construção desta obra.

Cada história, desenho e experiência presentes neste livro expressam a criatividade, a sensibilidade e os saberes das crianças, reafirmando o compromisso da escola com a valorização da infância, da diversidade cultural, do diálogo intercultural e da educação comprometida com o cuidado com a natureza e com a vida.

Cada história deste livro nasceu da imaginação, das memórias, dos sonhos e das experiências das crianças.

Ao escrever e desenhar, elas compartilharam diferentes formas de compreender a natureza, a vida e o mundo, revelando que aprender também é escutar, imaginar, criar e respeitar os saberes de cada povo e de cada cultura.

Convidamos você a percorrer estas páginas com o olhar curioso de uma criança e o coração aberto para descobrir que cada história é uma semente de cuidado, de esperança e de diálogo intercultural.

Escritores, Ilustradores e demais estudantes da turma:

TURMA: 5º A - PROFESSORA: MARÍLIA

Anna Júlia Borges de Oliveira
Anne Heloá Silva Carvalho
Arthur Felipe Rodrigues Santana
Babel Machado Leal de Souza Baena
Felipe Sousa de Araujo Valle
Gabriel Sousa
Gabriel Guimarães
Isaías Pereira Oliveira
João Helio da Silva Magalhães
João Marcelo Jesus Aguiar
João Pedro Lima Corrêa de Mesquita
Lara Beatriz de Paula Ferreira
Lara Vitoria Trajano Macedo
Marianne Batista Monteiro
Mathias Antunes Pereira
Miguel Saraiva de Castro
Rodrigo Moura Queiroz
Sara Kaline Alves Magalhães
Vitoria G. L. Galache Kariri-Xocó e Fulniô
Yuri Kaye V. P. de Lima Kariri-Xocó
Yxynay I. A. Tanone Kariri-Xocó e Fulniô

TURMA: 5º B - PROFESSORA: PRISCILA

Arthur de Camargo Goalberto
Ayana da Cruz Magalhães
davi Lucas de Oliveira Lourenço
Gustavo Silva Ribeiro
Isis Ynaiê Souza Pires de Lima Kariri-Xocó
Júlio César Assunção Silva Gomes
Miguel Torres Passos
Pietro Andrade de Assis
Sophia Loren Souza Santiago

TURMA: 4º A - PROFESSORA: JAQUELINE

Amora Muniz de Melo
Ana Clara da Silva Carvalho
Davi Vieira Rufino
Elora Machado Leal de Souza Baena
Fernando Togojobado de Matos Bororo

Gabriela de Sousa Lopes Guajajara
Gael Felipe Duboc Sirkis
Katharina Louise Ribeiro
Rodrigo Gael Lima de Queiroz
Stella Ancelmo Rodrigues
Tarsila Araujo Camara Silva
Valentina Carvalho Montenegro

TURMA: 4º B - PROFESSORA: LISIANE

Ana Cecília Vieira Reis Ferreira
Giovanna F. Togojobado L. Bororo
Isabela Queiros Lima
Isadora Áurea Pinheiro de Melo
Izaque Batista Gomes
Kaio Lopes de Sousa Guajajara
Larissa Silva Araújo
Laura Macedo da Silva Takeuchi
Luziane Cassimiro Oliveira Guajajara
Maria Esther Rodrigues Carvalho
Maria Isabel Costa Santana
Rebecca Oliveira Machado Guajajara
Sophia Dias Nascimento Justino

TURMA: 3º A - PROFESSORA: TANYARA

Ana Luisa Flores Reis
Anna Júlia Cordeiro Almeida
Davi Victor Alves Vinholi
Enzo Miguel Candido Miro da Silva
Isadora Nunes de Oliveira
João Gabriel de Sousa Ramos
Luiz Alberto Queiroz Lima
Luna Wany S. P. de Lima Kariri Xocó
Maria Heloísa Rodrigues Nascimento
Maria Isabel Braga Dos Santos
Matheus Cassimiro Alencar
Sophia Aguiar da Silva
Sophia da Silva Vieira
Sophia Togojobado da Silva Bororo

TURMA: 3º C - PROFESSORA: DILMA

Adryan Bismarck da Costa Silva
Alice Vieira Andrade
Benjamin Carpinski Poémape
Benjamin Fernandes Alves Dos Santos
Fabrício Machado Guajajara
João Guilheme de A. Dos Santos Teixeira
Joysé Wy'mar Araújo Guajajara
Maria Cecília Correa
Matheus Pietro Dos S. Rocha de Araújo
Pedro Henrique Fernandes Pires
Rebeka Ilaize de Nazaré Almeida Alves
Samuel Barbosa Moraes

TURMA: 1º A - PROFESSORA: SELMA

Amaro Girao de Queiroz
Anna Lis Rodrigues Nascimento
Elias Lopes de Sousa Guajajara
Geovanna Jesus Campos
Ítalo Matheus Alves Ferraz
Livia Queiroz Lima
Maria Vieira Reis Ferreira
Milena Cassimiro Oliveira Guajajara
Muryllo Oliveira dos Santos
Pedro Lucca Ortiz do Nascimento
Pedro Macêdo Rodrigues

TURMA: 1º B - PROFESSORA: PEDRO

Ana Vitória Silva Bernardes Lopes
Bryan Lopes de Assis
Caroline Nascimento Feldkircher
Emily T. Togojobado de M. Santos Bororo
Hellena Ribeiro de Sousa
José Sérgio Dias Neto
Julia de Jesus Lina
Lila Pinheiro Rodrigues
Linda Bruno Silva de Brito
Maria Eduarda Castilho Toledo
Maruan Augusto Pena Granato
Matheus de Oliveira Santos

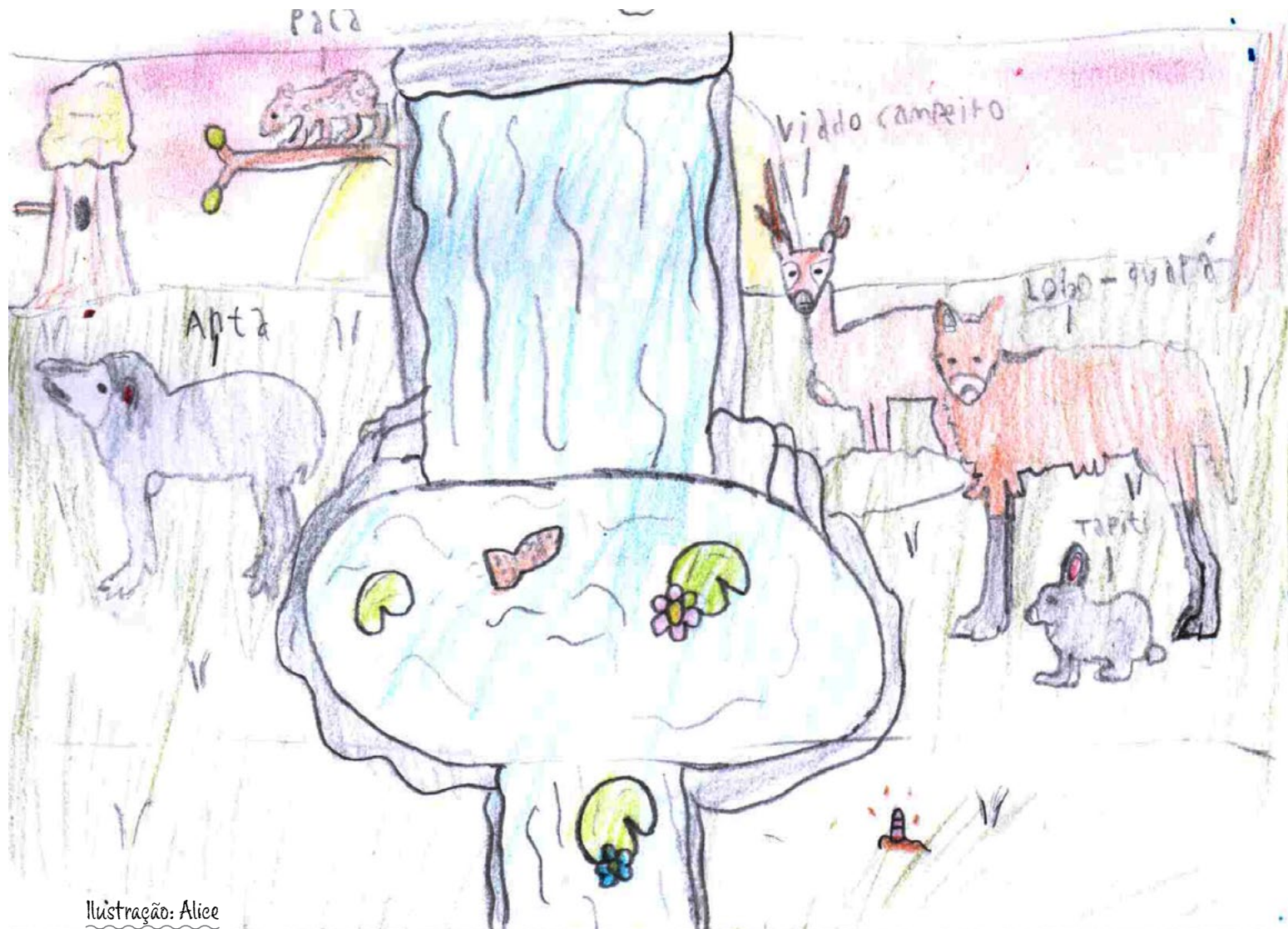


Ilustração: Alice



Sumário

9	Prefácio do livro	Histórias de crianças que tecem conexões com a natureza
11	Apresentação do livro	pela direção da escola
13	Introdução	
15	Conhecendo os povos indígenas	da Escola Classe 312 Norte
18	Capítulo 1:	Histórias do 5 Ano A
26	Capítulo 2:	Histórias do 5 Ano B
30	Capítulo 3:	Histórias do 4 Ano A
36	Capítulo 4:	Histórias do 4 Ano B
50	Capítulo 5:	Histórias do 3 Ano A
62	Capítulo 6:	Histórias do 3 Ano C
71	Capítulo 7:	Histórias do 1 Ano A
85	Capítulo 8:	Histórias do 1 Ano B
96	Glossário	





Prefácio do livro

Histórias de crianças que tecem conexões com a natureza

Este livro nasceu do encontro entre infância, natureza e cultura. Em suas páginas, crianças indígenas e não indígenas compartilham histórias inspiradas nos mitos de seus povos e nas experiências vividas em uma escola pública do Distrito Federal. Ao escreverem, revelam diferentes maneiras de perceber o Cerrado, imaginar a vida e tecer relações com o mundo vivo.

Tive o privilégio de acompanhar a pesquisa de doutorado que deu origem a esta obra. Desde as primeiras etapas do trabalho, chamou minha atenção a clareza com que sua autora definiu o propósito da pesquisa. Escutar as crianças era parte desse caminho, mas havia um compromisso ainda mais amplo: reconhecer e valorizar os saberes dos povos indígenas presentes na escola e criar oportunidades para que crianças de diferentes etnias pudessem afirmar suas histórias, suas memórias e suas formas de compreender o mundo. Em um contexto escolar urbano, onde essas identidades nem sempre encontram espaço para se expressar, a pesquisa transformou a narrativa em um lugar de encontro, de reconhecimento e de diálogo intercultural.

Vivemos um tempo em que as mudanças climáticas, a perda da biodiversidade e o crescente distanciamento entre as pessoas e o mundo natural desafiam a sociedade a reconstruir formas de convivência mais sustentáveis. Nesse cenário, fortalecer a conexão com a natureza é um compromisso da educação, da ciência e da própria vida em comunidade.

As histórias reunidas neste livro aproximam o leitor desse desafio por um caminho sensível: a palavra das crianças.

Cada narrativa apresenta personagens, paisagens e acontecimentos que expressam diferentes formas de viver a natureza. Animais, árvores, rios, pessoas e seres encantados compartilham uma mesma trama de relações. A imaginação conduz a narrativa, mas permanece profundamente enraizada nas experiências, nos afetos e na convivência das crianças com seus territórios.

Os mitos indígenas ocupam um lugar especial nesse percurso. Ao trazer essas narrativas para o cotidiano da escola, o livro contribui para que crianças indígenas reconheçam e valorizem suas origens, ao mesmo tempo em que oferece às crianças não indígenas a oportunidade de conhecer outras formas de interpretar a natureza, o território e a vida. Eles aproximam as crianças de diferentes modos de compreender a vida e fortalecem o diálogo entre culturas presentes na escola. Ao escrever sobre essas histórias, crianças indígenas e não indígenas compartilham saberes, reconhecem diferenças, descobrem aproximações e constroem novas possibilidades de convivência.

Esse diálogo intercultural constitui uma das maiores riquezas desta obra.

Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que a conexão com a natureza também se manifesta nas histórias que as crianças contam. Suas narrativas revelam vínculos afetivos, pertencimento aos lugares, curiosidade, cuidado e respeito pelos seres vivos. Revelam, sobretudo, que a imaginação é parte da experiência de conhecer e de habitar o mundo.

As pesquisas em Psicologia Ambiental mostram que as experiências vividas na infância participam da construção dos vínculos que estabelecemos com a natureza ao longo da vida. As histórias reunidas neste livro oferecem uma perspectiva singular sobre esse processo, porque apresentam a visão das próprias crianças e nos aproximam de seus modos de perceber, sentir e significar o mundo.

Embora tenham sido escritas no contexto do Cerrado brasileiro, essas histórias dialogam com questões presentes em diferentes lugares. Elas nos lembram que cuidar da natureza começa nas relações que estabelecemos com os lugares onde vivemos, com as pessoas com quem convivemos e com todas as formas de vida que compartilham conosco esta Terra.

Ao percorrer estas páginas, o leitor encontrará histórias de aventura, amizade, coragem, ancestralidade e cuidado. Encontrará também crianças que nos convidam a olhar novamente para a natureza com curiosidade, respeito e sensibilidade.

Este livro representa uma contribuição relevante para a Educação Ambiental e para a Psicologia Ambiental ao reunir, em uma mesma obra, pesquisa, infância, interculturalidade e produção narrativa. Mais do que comunicar resultados de uma investigação, ele amplia o espaço de escuta das crianças e compartilha experiências construídas no encontro entre universidade, escola e comunidades indígenas.

Desejo que estas histórias inspirem novos diálogos entre crianças, educadores, pesquisadores e famílias. Que ampliem nossa capacidade de escutar, de aprender com a diversidade de saberes e de cultivar relações cada vez mais respeitadas entre as pessoas, as culturas e o mundo vivo. Se isso acontecer, a conexão com a natureza deixará de ser apenas um conceito e passará a fazer parte da experiência cotidiana de quem percorreu estas páginas.

Claudia Marcia Lyra Pato¹

Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília.

Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

¹ **Nota da autora:** Este prefácio foi escrito a partir da experiência de acompanhar a pesquisa de doutorado que deu origem a esta obra. As reflexões aqui apresentadas dialogam com contribuições da Psicologia Ambiental, da Psicologia do Desenvolvimento e da Educação Ambiental, bem como com estudos sobre infância, conexão com a natureza e cosmovisões indígenas brasileiras. Embora não se trate de um texto de natureza teórica, sua elaboração foi inspirada, especialmente, pelas contribuições de Louise Chawla, Peter H. Kahn Jr., Paul W. Schultz, Christopher Spencer e Kate Gee, e Ailton Krenak, cujas obras oferecem importantes fundamentos para compreender as relações entre infância, natureza, cultura e modos de habitar o mundo.

Apresentação do livro pela direção da escola

Toda escola guarda histórias. Algumas estão nos livros; outras vivem nos corredores, nas salas de aula, nos desenhos, nas brincadeiras, nas conversas e nos encontros que acontecem todos os dias. A Escola Classe 312 Norte é um desses lugares onde muitas trajetórias se encontram. Crianças, famílias, educadores e comunidades constroem, diariamente, aprendizagens, fortalecem vínculos e descobrem novas formas de olhar para si, para o outro e para o mundo. É nesses encontros que nascem o respeito, a valorização das diferenças e o reconhecimento da riqueza presente em cada cultura.

A Escola Classe 312 Norte acredita que educar é muito mais do que ensinar conteúdos. Educar é criar oportunidades para que cada criança desenvolva seus conhecimentos, reconheça seus valores, fortaleça sua identidade, exercite sua criatividade e participe da construção de uma sociedade mais ética, solidária e comprometida com o cuidado com as pessoas e com a natureza. A educação é compreendida como um processo de formação integral, no qual aprender também significa conviver, compartilhar, cuidar e transformar.

Entre as ações que orientam sua proposta pedagógica, destaca-se o projeto “Quem Sou Eu?”, eixo integrador do Projeto Político-Pedagógico da escola. O projeto cria possibilidades para que cada criança compreenda melhor a si mesma, reflita sobre suas ações e desenvolva relações de respeito consigo, com o outro e com o mundo. Cada experiência vivida na escola convida as crianças a reconhecerem sua identidade, valorizarem suas histórias e compreenderem que cada pessoa traz consigo conhecimentos, experiências e formas singulares de aprender e viver.

A diversidade cultural é uma das riquezas da Escola Classe 312 Norte. A presença das crianças indígenas integra a história da escola e enriquece seu cotidiano, trazendo memórias, conhecimentos, tradições e diferentes formas de compreender a relação entre os seres humanos e a natureza. Esses saberes dialogam com os conhecimentos construídos no ambiente escolar, ampliando as possibilidades de aprendizagem e fortalecendo uma educação intercultural baseada na escuta, no respeito e na valorização das diferenças.

A escola acredita que toda criança chega trazendo conhecimentos, experiências, memórias, valores, identidade e pertencimento. Aprender também é reconhecer e valorizar aquilo que cada criança já sabe, criando oportunidades para que esses saberes sejam compartilhados, ampliados e transformados em novas aprendizagens.

A infância é um tempo de descobertas, e a conexão com a natureza nasce das experiências de brincar, observar, imaginar, cuidar e criar histórias. Ao viver essas experiências, as crianças desenvolvem vínculos com o ambiente e aprendem a reconhecer que fazem parte da grande comunidade da vida. A escola procura cultivar essa sensibilidade, compreendendo que educar também é fortalecer atitudes de cuidado, responsabilidade e respeito pelo mundo em que vivemos.

Foi nesse ambiente de convivência, imaginação e aprendizagem que nasceu este livro. Uma obra construída a partir das vozes, da criatividade e dos olhares das crianças, com a participação especial das crianças indígenas, cujas histórias, memórias e experiências enriqueceram esse encontro de saberes.

Publicar um livro produzido na escola é reconhecer que as crianças são autoras, criadoras e produtoras de conhecimentos, memórias e saberes. Suas histórias, suas experiências e seus olhares têm valor e merecem ser compartilhados, pois inspiram novas formas de aprender, conviver e cuidar da vida.

Que esta obra inspire crianças, famílias e educadores a escutar as vozes da infância, valorizar a diversidade cultural e reconhecer que aprender também é compartilhar conhecimentos, construir vínculos e cuidar da natureza e das pessoas.

Escola Classe 312 Norte

Introdução

Todo livro nasce de um encontro. Este nasceu do encontro entre crianças, natureza e saberes indígenas.

Ao longo das atividades realizadas na Escola Classe 312 Norte, em Brasília, meninas e meninos foram convidados a ouvir, imaginar, conversar e criar histórias inspiradas na natureza. Cada narrativa revela um olhar sensível sobre o mundo e mostra como a imaginação pode aproximar as pessoas da vida, da cultura e do cuidado com a Terra.

As histórias reunidas nesta obra foram criadas por crianças indígenas e não indígenas a partir de momentos de diálogo, escuta e imaginação. Inspiradas pelos saberes e pelas narrativas da cosmovisão indígena, elas revelam diferentes maneiras de compreender a natureza, mostrando que rios, árvores, animais, plantas e pessoas fazem parte de uma mesma comunidade de vida.

Em cada página, o leitor encontrará aventuras, seres encantados, desafios, amizades e ensinamentos que nos convidam a refletir sobre o respeito à natureza, à diversidade cultural e à vida em todas as suas formas.

A Escola Classe 312 Norte, onde este livro nasceu, tornou-se um espaço de encontros entre diferentes culturas, experiências e formas de conhecer o mundo. A presença de crianças indígenas de diferentes povos enriquece o cotidiano escolar e fortalece o diálogo intercultural, permitindo que saberes ancestrais e conhecimentos construídos na escola caminhem juntos.

Nesse ambiente de respeito, escuta e convivência, as crianças compartilharam histórias, sonhos, memórias e imaginações que deram origem às narrativas apresentadas neste livro.

Mais do que contar histórias, as crianças nos convidam a olhar a natureza com atenção, sensibilidade e respeito. Em suas narrativas, o Cerrado ganha voz, os animais se tornam personagens, as árvores guardam memórias e a imaginação se transforma em um caminho para compreender que todos os seres estão interligados.

Ao valorizar diferentes formas de conhecer o mundo, esta obra celebra a diversidade cultural e nos lembra que cuidar da natureza também é cuidar das pessoas, das culturas e do futuro.

Fazer o livro “Histórias sobre a Natureza” revela a força da oralidade compartilhada entre crianças indígenas e não indígenas como uma prática de encontro, aprendizagem e construção coletiva de conhecimentos. As crianças demonstraram criatividade, sensibilidade e capacidade de produzir narrativas que expressam valores, sentimentos e percepções sobre o ambiente em que vivem.

Essas histórias nos aproximam da natureza e nos convidam a refletir sobre a importância da preservação do Cerrado, do respeito às diferentes culturas e do nosso papel como cuidadores do planeta.

Ao longo do livro, algumas palavras em tupi-guarani antigo serão apresentadas com finalidade exclusivamente ilustrativa e pedagógica, como forma de valorizar as línguas originárias e despertar o interesse pela diversidade linguística dos povos indígenas. Essas referências não caracterizam esta obra como um livro bilíngue. Ao final, o leitor encontrará um glossário com informações sobre as etnias presentes na escola e ampliando conhecimentos e fortalecendo o respeito à diversidade cultural.

Agradeço, com carinho, às crianças que deram vida a estas páginas com sua imaginação, suas palavras e seus desenhos. Agradeço também à comunidade da Escola Classe 312 Norte, às professoras, aos professores, às equipes pedagógicas e às famílias que acolheram esta experiência e contribuíram para que ela se transformasse em livro.

Desejo que cada história aqui compartilhada desperte a curiosidade, fortaleça o respeito à diversidade e inspire novos olhares sobre a natureza. Que estas páginas sejam um convite para imaginar, aprender e cuidar da vida em todas as suas formas.

Que estas páginas nos convidem a enxergar a natureza com novos olhos, reconhecendo a beleza dos encontros, a riqueza das culturas e a sabedoria presente nas histórias das crianças.

Clara Rosa Cruz Gomes

Conhecendo os povos indígenas da Escola Classe 312 Norte

A **Escola Classe 312 Norte** é um espaço de convivência, aprendizagem e diálogo entre diferentes culturas. Em seu cotidiano, crianças indígenas e não indígenas compartilham histórias, experiências e conhecimentos, construindo relações baseadas no respeito, na escuta e na valorização da diversidade.

Entre as riquezas presentes na escola está a convivência com crianças pertencentes aos povos **Guajajara** (Tenetehara), **Bororo** (Boe), **Kariri-Xocó** e **Fulni-ô**. Cada povo possui uma trajetória própria, marcada por conhecimentos ancestrais, memórias, tradições e diferentes formas de compreender a relação entre seres humanos e natureza.

Os **Guajajara** (Tenetehara) são originários do Maranhão e pertencem ao tronco linguístico Tupi-Guarani. Esse povo mantém viva sua língua e seus conhecimentos tradicionais, transmitidos entre gerações por meio da oralidade, das histórias, dos cantos e das práticas culturais.

Os **Bororo** (Boe) são originários do Mato Grosso e pertencem ao tronco linguístico Macro-Jê. Sua cultura é marcada por uma profunda relação com o território, pelos rituais, pelos conhecimentos sobre os seres da natureza e pela preservação de sua língua e tradições.

Os **Kariri-Xocó** são originários de Porto Real do Colégio, em Alagoas. Esse povo possui uma história de resistência e fortalecimento cultural, incluindo processos de valorização de sua língua ancestral, o Dzubukuá, como parte importante de sua identidade.

Os **Fulni-ô**, originários de Águas Belas, em Pernambuco, mantêm viva a língua Yathê, pertencente ao tronco Macro-Jê. Sua cultura preserva conhecimentos transmitidos entre gerações, fortalecendo a memória, a ancestralidade e a continuidade de seu povo.

Embora possuam histórias, línguas e tradições próprias, esses povos compartilham valores fundamentais, como a importância da coletividade, o respeito aos ancestrais e uma relação de cuidado e equilíbrio com a natureza. Seus conhecimentos são transmitidos por meio da convivência, da oralidade e das práticas culturais, mantendo vivas suas histórias e identidades.

A presença dessas crianças na Escola Classe 312 Norte amplia as possibilidades de aprendizagem e fortalece uma educação intercultural, na qual diferentes formas de conhecer e compreender o mundo podem dialogar. Seus saberes mostram que existem muitos caminhos para aprender, ensinar e construir relações de cuidado com todas as formas de vida.

Conhecer os povos indígenas presentes na escola é reconhecer a diversidade que constitui o Brasil e compreender que os conhecimentos indígenas continuam vivos, contribuindo para uma educação mais humana, sensível e comprometida com o respeito à vida.

Povos indígenas em números - O que nos mostra o Censo Demográfico 2022?

Os povos indígenas vivem no território que hoje chamamos de Brasil há milhares de anos. Seus conhecimentos, suas línguas, suas culturas e suas formas de viver fazem parte da riqueza e da diversidade do nosso país.

Segundo o Censo Demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), **o Brasil possui cerca de 1,7 milhão de pessoas indígenas**, pertencentes a **mais de 390 povos** (etnias), que **falam 295 línguas indígenas**. Esses números mostram que não existe um único povo indígena, mas uma grande diversidade de histórias, culturas, conhecimentos e modos de vida.

Segundo esse mesmo Censo Demográfico 2022 do IBGE, as três línguas mais faladas no Brasil são: **Tikú-na com cerca de 52 mil falantes**. Ele é classificado como uma língua isolada que não pertence a nenhum tronco linguístico. É falado principalmente na região do Alto Solimões, no Amazonas. O segundo e terceiro lugares são ocupados por **Guarani Kaiowá com cerca 39 mil falantes** e **Guajajara com aproximadamente 29 mil falantes** e ambas fazem parte da família **Tupi-Guarani**.

Cada povo possui sua própria identidade, suas tradições, seus costumes e sua maneira de compreender a relação entre as pessoas, a natureza e o mundo. Essa diversidade é uma das maiores riquezas culturais do Brasil.

O Censo também revelou que o Distrito Federal possui aproximadamente **6 mil pessoas indígenas**. Muitas delas vivem em áreas urbanas, mantendo vivas suas identidades, seus costumes e suas tradições. A presença **indígena no Distrito Federal** faz da capital um importante espaço de convivência entre diferentes culturas, histórias, etnias e línguas.

Essa diversidade também está presente na **Escola Classe 312 Norte**. A convivência entre crianças indígenas e não indígenas fortalece o diálogo intercultural, amplia as possibilidades de aprendizagem e contribui para a construção de uma educação baseada no respeito, na valorização da diversidade e no cuidado com todas as formas de vida.

Mais do que números, o Censo nos ajuda a compreender que por trás de cada povo existem pessoas, famílias, memórias, conhecimentos e modos de vida que continuam vivos e contribuem para a construção da sociedade brasileira.

Conhecer essa diversidade é reconhecer a importância dos povos indígenas na história do Brasil e compreender que seus saberes continuam inspirando diferentes formas de viver, aprender e cuidar da natureza. Assim, aprendemos que respeitar os povos indígenas também é valorizar a diversidade cultural e fortalecer o compromisso com a vida em todas as suas formas.



Capítulo 1: Histórias do 5 Ano A



É com grande alegria e orgulho que apresento este livro, fruto da criatividade, dedicação e aprendizado dos estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Classe 312 norte em Brasília.

Cada história reunida nessas páginas nasceu da curiosidade em conhecer mais sobre os povos indígenas: suas tradições, ensinamentos e profunda relação com a natureza.

Ao longo desse trabalho, nossos alunos tiveram a oportunidade de pesquisar, imaginar, criar personagens e registrar, por meio da escrita, narrativas inspiradas na riqueza das culturas indígenas.

Mais do que um exercício de produção textual, esse projeto representou um momento de reflexão sobre a importância de valorizar os povos originários do Brasil, reconhecendo suas contribuições para a formação da nossa identidade, bem como a necessidade de respeitar e preservar sua história, seus costumes e seus saberes.

Ao escrever cada conto, os estudantes deram voz à imaginação, exercitaram a criatividade e demonstraram que a literatura é uma poderosa ferramenta para aprender, expressar sentimentos e compartilhar conhecimentos.

Espero que cada leitor percorra estas páginas com o mesmo entusiasmo e carinho com que elas foram produzidas. Que estas histórias despertem a imaginação, fortaleçam o respeito à diversidade cultural e inspirem novos olhares sobre a riqueza dos povos indígenas.

Parabenizo todos os alunos pelo empenho e agradeco às famílias e à comunidade escolar pelo incentivo e apoio durante este percurso. Que este livro seja motivo de orgulho para todos e uma lembrança de que cada criança tem uma história valiosa para contar.

Prof.^a Marília Nascimento Serrão de Carvalho,

Turma do 5º ano A



Ilustração: Vitória

Prof.^a Marília Nascimento Serrão de Carvalho

A LENDA DOS 4 ELEMENTOS

AUTORES: ISAIAS, MIGUEL CASTRO,
GABRIEL S., SARA KALINE, BABEL
e DEMAIS ESTUDANTES DA TURMA

Ilustração: Babel

Há muito tempo em uma aldeia, caiu um meteoro com vários elementos, liberando quatro Deuses: Água, Fogo, Planta e Ar.

Um dia um indígena os encontrou. A Deusa do ar foi a primeira a sair e depois os restantes.

Eles ofereceram aos indígenas ar, água, alimento e fogo. Continuaram assim por centenas de anos, vivendo em harmonia até a evolução das cidades, que deixaram os deuses muito bravos pela perda de seus habitats naturais. Dizem que quando exploram cavernas encontram as pegadas deles e os desastres naturais são os deuses ainda bravos com a gente.

Os indígenas até hoje tentam proteger os quatro elementos e os seus deuses para continuarem tendo vida no planeta.

Ilustração: Rodrigo



UMA HISTÓRIA DE PEQUI

AUTORES: FELIPE SOUSA, JOÃO P., ARTUR E DEMAIS ESTUDANTES DA TURMA



Ilustração: estudante da turma

Há uma floresta que tinham muitos pequis e os indígenas que moravam lá gostavam muito. A Mãe Terra protegia os pequis.

Um menino de outra aldeia, que se chamava Xumaia, invadiu a aldeia do Pequi e fez uma tarefa muito difícil: passou pelo lago dos jacarés e ficou três noites acampado. Finalmente, ele chegou na aldeia do Pequi.

A Mãe Terra não o deixou pegar o pequi porque pessoas como ele roubavam e não deixavam nada para os povos indígenas.

A Mãe Terra conseguiu detê-lo e assim a floresta ficou com mais pequis e dividiram para todos.

FLORESTA E A CAPIVARA

AUTORES JOÃO HELIO, MATHIAS, GABRIEL GUIMARÃES E YURI
E DEMAIS ESTUDANTES DA TURMA

Os bandidos roubavam ouro na floresta e apareceu uma capivara que se transformou em uma onça e assustou os bandidos. Eles correram para a cidade e contaram para todos. Todos morreram de medo e ninguém escapou da menina capivara.

Tupi guarani antigo: Mondarôgûera oîmondab itaîuba
kûara suí i xuí, a'epe kabirá onhemoaîu, mondarôagûera
mondyîa. Aûiê, i moîarukari, oîkébo taba pupé i
mombegûabo pabenh. Opá okûapa, abá n'oîmomburubi
kunhataî kapi'î suí.



Ilustração: João Pedro

MULA SEM CABEÇA

AUTORES: VITÓRIA, SARA, LARA BEATRIZ, IXYNAY E DEMAIS ESTUDANTES DA TURMA



Havia uma indígena que queria casar com o padre.
Ninguém entendia o porquê.

Então ela falou para o padre o motivo:

– Eu quero me casar contigo porque estão querendo derrubar a árvore sucupira. Ela tem um valor muito importante.

O padre entendeu e aceitou casar com ela para defender a árvore.

No dia do casamento, quando estavam prestes a se casar, o padre viu que estavam tentando derrubar aquela árvore centenária.

Quando a indígena viu, ela saiu correndo.

Ninguém entendeu nada.

Então, ela entrou na frente da árvore e explicou por que não deviam derrubar:

– Essa árvore centenária proporciona ar puro, sombra e é medicinal. Vocês não podem derrubar.

Ela é importante para a aldeia, para os pássaros.
Ela dá vida.

O padre defendeu a indígena e ajudou a explicar por que não podiam derrubar aquela árvore.

Aquele casamento era para unir toda a cidade e impedir a derrubada da árvore.

Todos os habitantes da cidade entenderam e nunca mais triscaram em uma árvore para fazer uma estrada.

Ilustração: Lara Vitória

A LENDA DA CURICACA

AUTORES: JOÃO MARCELO, JOÃO LIMA, RODRIGO
E DEMAIS ESTUDANTES DA TURMA

Ilustração: Estudante do 5º Ano A



Há muito tempo existia uma aldeia com um guerreiro chamado Curicaca. Ele era um indígena encantador de pássaros e animais, por isso recebeu esse nome. Ele era corajoso e astucioso. Um dia os portugueses enfrentaram a aldeia do Curicaca. A aldeia do Curicaca estava passando sufoco porque os brancos queriam roubar a comida e o ouro. Queriam explorar suas terras e escravizar toda a aldeia. O Curicaca conseguiu fugir e libertou o seu povo. Eles começaram a lutar com os portugueses e a luta foi difícil, mas a aldeia do Curicaca conseguiu vencer com a força e ajuda de toda a natureza, dos pássaros e dos animais.

A MENINA DA NATUREZA

AUTORES: MARIANNE, ANNE, ANNA JÚLIA, LARA VITÓRIA, LARA BEATRIZ E DEMAIS ESTUDANTES DA TURMA

Meu dia hoje foi muito legal

14/04/2026

Jasmim era uma menina muito conectada com a natureza. No dia 13 de maio, Jasmim foi à floresta a meia-noite. Ela estava andando sozinha e percebeu que estava vendo espíritos da natureza. Quando ela chegou no meio da floresta, viu uma árvore Aroeira linda e brilhante.

Ela ficou encantada com a Aroeira e fez três desejos: comida, proteção e chuva. Dias depois apareceram frutos: mangabas, muricis, buritis e pequis. Ela ficou muito feliz e foi contar para sua aldeia. Quando o povo da aldeia foi pegar as frutas, havia cinco homens brancos querendo derrubar as árvores.

Jasmim viu isso e correu para a árvore Aroeira e fez outro pedido: que protegesse o povo de sua aldeia. A Aroeira atendeu seu pedido.

Os homens que queriam destruir a natureza caíram em buracos, morreram afogados, foram picados por cobras venenosas e devorados por onças famintas.

Seu povo conseguiu viver na natureza com comida, proteção e chuva.



Capítulo 2: Histórias do 5 Ano B

As páginas que você tem em mãos não são apenas o resultado de um projeto de escola. Elas são um abraço em forma de história. Escrito com o entusiasmo e dedicação dos alunos do 5º ano, este livro nasceu do encontro lindo entre a curiosidade da infância e a sabedoria milenar dos povos indígenas.

Ao mergulhar nestas páginas, somos convidados a caminhar pela fauna e a flora do Cerrado. Pelos olhos destes jovens autores, a natureza ganha vida e voz: o formato das árvores esconde mistérios, o vento traz segredos de tempos distantes e cada animal que habita esta terra se torna o herói de uma lenda profunda.

Os alunos mergulharam na história e nos ensinamentos dos povos originários, compreendendo uma visão de mundo muito bonita: aquela que nos lembra de que não somos donos da natureza, mas sim parte dela. Com muita sensibilidade, eles transformaram o aprendizado em narrativas vivas, cheias de cor, respeito e admiração por aqueles que sempre souberam proteger o meio ambiente.

Ver crianças tão jovens se dedicando a manter viva a memória dos povos originários e a riqueza da nossa biodiversidade nos enche de esperança. Este livro é a prova de que o futuro do nosso planeta depende da forma como ensinamos os nossos pequenos a olhar para o passado com carinho e respeito.

Parabéns aos pequenos grandes escritores por nos presentear com tanta sensibilidade e afeto. Que esta leitura desperte em cada criança o orgulho de nossas raízes e o desejo de proteger tudo o que é vivo.

Boa viagem por este mundo de histórias!

Professora Priscila



Ilustração: Davi

A BOLA DE FOGO E A ONÇA

AYANA, ARTHUR, GUSTAVO S.



Ilustração: Ayana

Em uma noite, uma onça passeava na floresta e uma bola de fogo a atingiu e ela ficou inconsciente. Quando acordou, percebeu que a bola ainda estava lá, até que a bola de fogo se transformou em uma mulher.

Quando isso aconteceu, começou a falar com a onça:

– Preciso da sua ajuda para proteger a floresta.

E a onça perguntou:

– Como posso ajudar sem poderes?

A bola de fogo respondeu:

– Eu te ajudo a ter poderes.

E a bola de fogo dividiu uma parte do poder dela com a onça e juntas elas protegeram a floresta de malfeitores.



Ilustração: Gustavo



Ilustração: Arthur

O MENINO DA MATA

AUTORES: PIETRO DE ASSIS, JÚLIO CÉSAR
E DE MAIS ESTUDANTES DA TURMA

Era uma vez um menino que se chamava Juca. Ele estava na mata e viu caçadores que estavam cortando árvores. Ele correu, bateu numa árvore e caiu uma fruta que se chamava lobeira. Ele comeu, virou o lobo-guará, espantou os caçadores, salvou a mata e virou o protetor da floresta.

Tupi guarani antigo: Oîkobé kunumîgûasu Îuká seryba'e. Îasytatá kûara i îakypûera repîaka. I ku'ab'iré, ybyrá amô 'arybo i 'ybá 'ytera Lobera seryba'e o 'yba suí. I gûara onhemonhang, oîekuakub, îagûara rerekóbo, ka'a resé oîepyka, oîekuakub gûyrá rerekóbo.



Ilustração: Pietro



Ilustração: Marcos Vinicius



Ilustração: Júlio César e demais estudantes da turma

A POLUIÇÃO DO RIO

AUTORES: SOPHIA LOREN, ISIS, MIGUEL
e DEMAIS ESTUDANTES DA TURMA

Um dia a mãe d'água estava muito triste, pois estavam poluindo o rio.

A onça apareceu e perguntou:

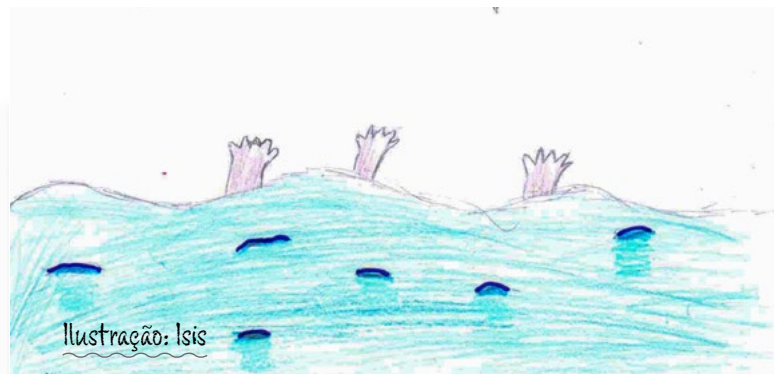
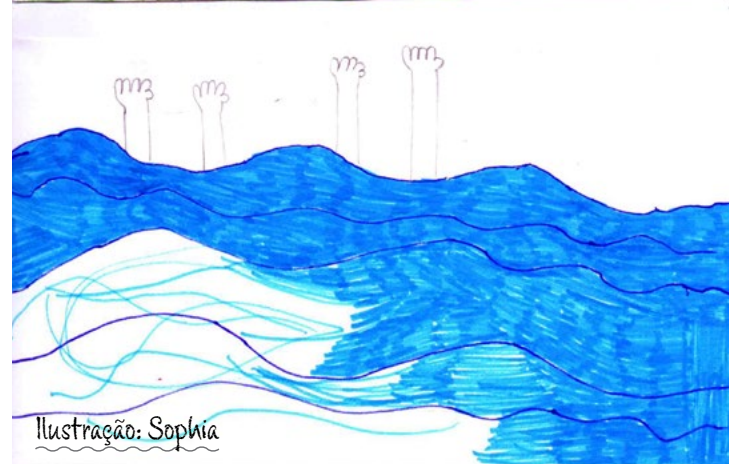
– Mãe d'água, por que está tão triste?

A Mãe d'água respondeu:

– Aqueles homens estão poluindo o rio e os peixes estão morrendo.

Então a onça chamou a coruja buaqueira e o carcará para botarem medo nos homens.

A coruja buaqueira e o carcará empurraram e afogaram aqueles homens no rio. A mãe d'água se sentiu aliviada.



Capítulo 3: Histórias do 4 Ano A



Cada história desse livro nasceu da curiosidade, imaginação e respeito pelas riquezas do Cerrado brasileiro. Inspiradas nas lendas dos povos originários, os estudantes deram vida a personagens baseados na fauna e na flora desse bioma tão importante, criando narrativas que unem fantasia, cultura e natureza.

Mais do que um conjunto de histórias, este livro representa o olhar sensível das crianças sobre o mundo ao seu redor. Em cada página, é possível encontrar um pouco da criatividade, aprendizado e carinho dedicados à preservação das tradições e da biodiversidade do Cerrado.

Esperamos que esta leitura desperte a imaginação, fortaleça o respeito pelos saberes dos povos originários e inspire cada leitor a valorizar a riqueza cultural e natural do nosso país.

Professora Jaqueline

Ilustração: Ana Clara

AROEIRA - MÃE DA ÁGUA

MÃE D'ÁGUA

AUTORES: ANA CLARA, DAVI, TARSILA
E DEMAIS ESTUDANTES DA TURMA

Era uma vez uma moça indígena com o nome de Aroeira. Ela gostava muito de água.

Um dia ficou sabendo que os pescadores estavam poluindo os rios. Ela ficou furiosa e falou assim:

“– Enquanto eu tiver viva, não vão poluir os rios.”

Certa vez apareceu um monte de barcos para poluir o rio onde a indígena estava. Ela avisou a uma coruja chamada Barraqueira, que falou para a Bola de Fogo, que disse para a Mãe Natureza e assim uniu todo mundo. Assustaram as pessoas e assim elas foram embora. A indígena ficou amiga da Mãe D'Água e dividiu com ela a tarefa de cuidar do rio.



Ilustração: Davi

HISTÓRIA DA MÃE D'ÁGUA E DA BOLA DE FOGO

ANA CLARA, DAVI, TARSILA E DEMAIS ESTUDANTES DA TURMA

Era uma vez uma mulher chamava Capatiba e ela tinha dois irmãos que a maltratavam. Ela não aguentava mais e matou seus irmãos. O pai dela começou a caçá-la e bater nas costas dela. Então ela decidiu ir embora e foi para a água e virou a Mãe D'água. Ela protegeia o rio e o mar.

Outro dia, chegaram pessoas querendo o ouro e destruíram todas as frutas do cerrado. O rio era tão grande que tinha duas Mães D'Água. Elas avisaram para a bola de fogo e a coruja Barraqueira, que era a Mãe Natureza disfarçada. Juntos conseguiram expulsar as pessoas destruidoras da natureza. Todos unidos protegem até hoje a vida no planeta.

Ilustração: Stella



HISTÓRIA DO SACI E DA MÃE DA ÁGUA

STELLA, VALENTINA, AMORA E GABRIELA



Um dia a Mãe da Água queria proteger os rios, mas não estava conseguindo. Ela viu uma sombra de uma perna só, viu que era o Saci e pediu ajuda porque tinham muitos pescadores maus que destruíam as águas e todos os peixes. O Saci a ajudou com seu redemoinho.

Tupi antigo: *Erimba'e 'y 'usei tekó 'arybo nh oîmorambûémotá, nd'e'ikatuî. Amô îekaraîba repîaka, sa'î kuakupa, i moîepysyrôû, îemopytybômo, itaîuba repîaka. Sa'î serekôû i pytuba pupé.*



Ilustração: Amora

O MENINO QUE VIROU CAPIVARA

AUTORES: FERNANDO, GAEL, RODRIGO, ELORA
E DEMAIS ESTUDANTES DA TURMA

Era uma vez um lugar na floresta e um homem queria destruir as matas e as árvores para fazer um shopping. Então um menino indígena virou uma capivara e o assustou. Depois virou onça e avançou nele e mordeu. Ele saiu correndo. O menino não deixou destruir a floresta e voltou para sua casa que ficava perto das águas.

Tupi guarani antigo: *Kûêisé oîkóbo îasytatápe abá mondá
îi ybyrá i monhangymbyra pupé i monhangymbyra? A'eîbé
kunumîgûasu abá onhemogûab i angaîpab amõ, osykyîébo. A'e
ré onhemongetá i xupé i îukábo. Osem îepé. Kunumî nd'o'iri îeke'a
óupa o îoybyri oka rerobykamo*



Ilustração: Gael



Ilustração: Fernando



Ilustração: Katharina

Capítulo 4: Histórias do 4 Ano B

As lendas indígenas representam um dos mais ricos patrimônios culturais do Brasil. Transmitidas de geração em geração por meio da tradição oral, estas narrativas preservam a história, os costumes, as crenças e a profunda relação dos povos indígenas com a natureza.

Ao longo destas páginas, o leitor encontrará histórias repletas de ensinamentos, mistérios e personagens marcantes, como seres encantados, animais sagrados, entre outros. Mais do que simples contos, estas lendas revelam valores como o respeito à vida, o equilíbrio entre o ser humano e o meio ambiente e a importância da coletividade.

Conhecer as lendas indígenas é também reconhecer a diversidade cultural do nosso país e valorizar os saberes dos povos originários, que desempenham um papel fundamental na construção da identidade brasileira.

Professora Lisiane



Ilustração: Sophia

A DELICIOSA FRUTA BURITI

AUTORA: LUZIANE

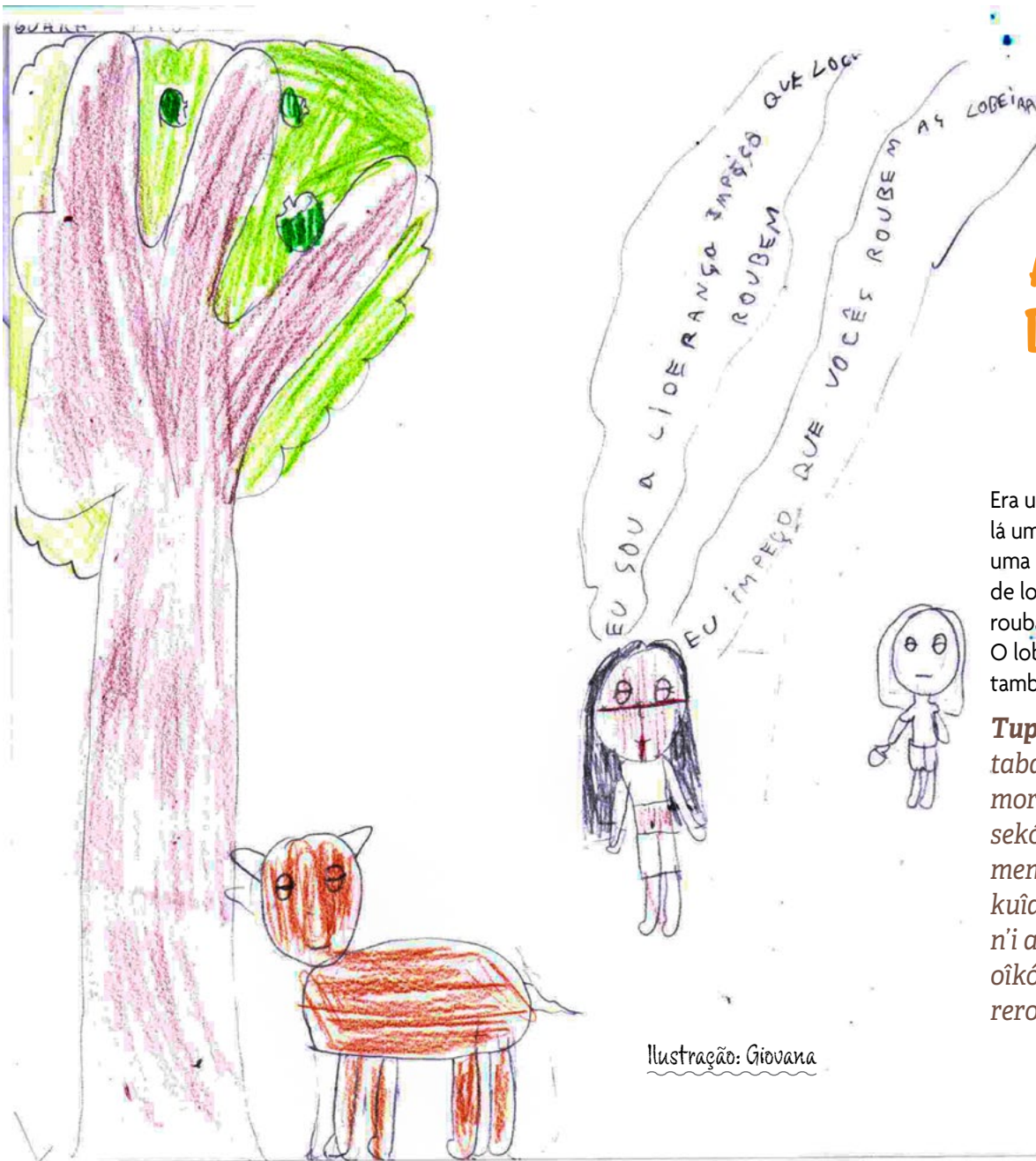
Era uma vez um menino que se chamava Vitor. Ele era um menino alegre e muito obediente.

Quando sua mãe lhe pediu para ir buscar algumas frutas na floresta, ele foi e pelo caminho Vitor encontrou umas frutas chamada buriti. Ele chegou mais perto da fruta para ver melhor e decidiu pegar a fruta. Quando ele pegou, levou para casa e mostrou para sua mãe que se chamava Maria. Ela viu e disse que iria fazer um suco de buriti.

Quando Vitor viu o suco de buriti, os vizinhos gananciosos queriam roubar a cesta cheia de buritis, mas Vitor não deixou. Os vizinhos se arrependeram e decidiram ajudar a mãe de Vitor a fazer suco de buriti para toda a comunidade.



Ilustração: Rebecca



A PROTETORA DAS ÁRVORES

AUTORA: GIOVANA

Era uma vez uma aldeia indígena e vivia lá uma guerreira chamada Elainy. Ela era uma liderança e protegia as plantações de lobeira que os brancos queriam roubar, porém ela lutou e não deixou. O lobo-guará ficou feliz e toda a aldeia também.

Tupi guarani antigo: Tapiîarĩ taba pupé sekôû, a'epe morangygûaia Elainy seryba'e sekôû. Oîmomba'e, oîmonhang mem karaíba mondarômotara kuîa, Ìepé oîomoaîu oîepé, n'i apysáî. Mbobé erimba'e oîkó kûepe erimba'e nde reroie'ymamo.

Ilustração: Giovana

A COBRA MÃE D'ÁGUA

AUTORA: REBECCA

Era uma vez uma floresta onde viviam muitos animais: tucanos, araras, porcos-espinho, lobos-guará, joões-de-barro e coelhos.

Apareceu um menino chamado Isaque. Ele estava caçando os animais e uma cobra picou a mão dele. A cobra era a Mãe d'água. Ela salvou a natureza e ficaram felizes para sempre e o caçador foi embora.

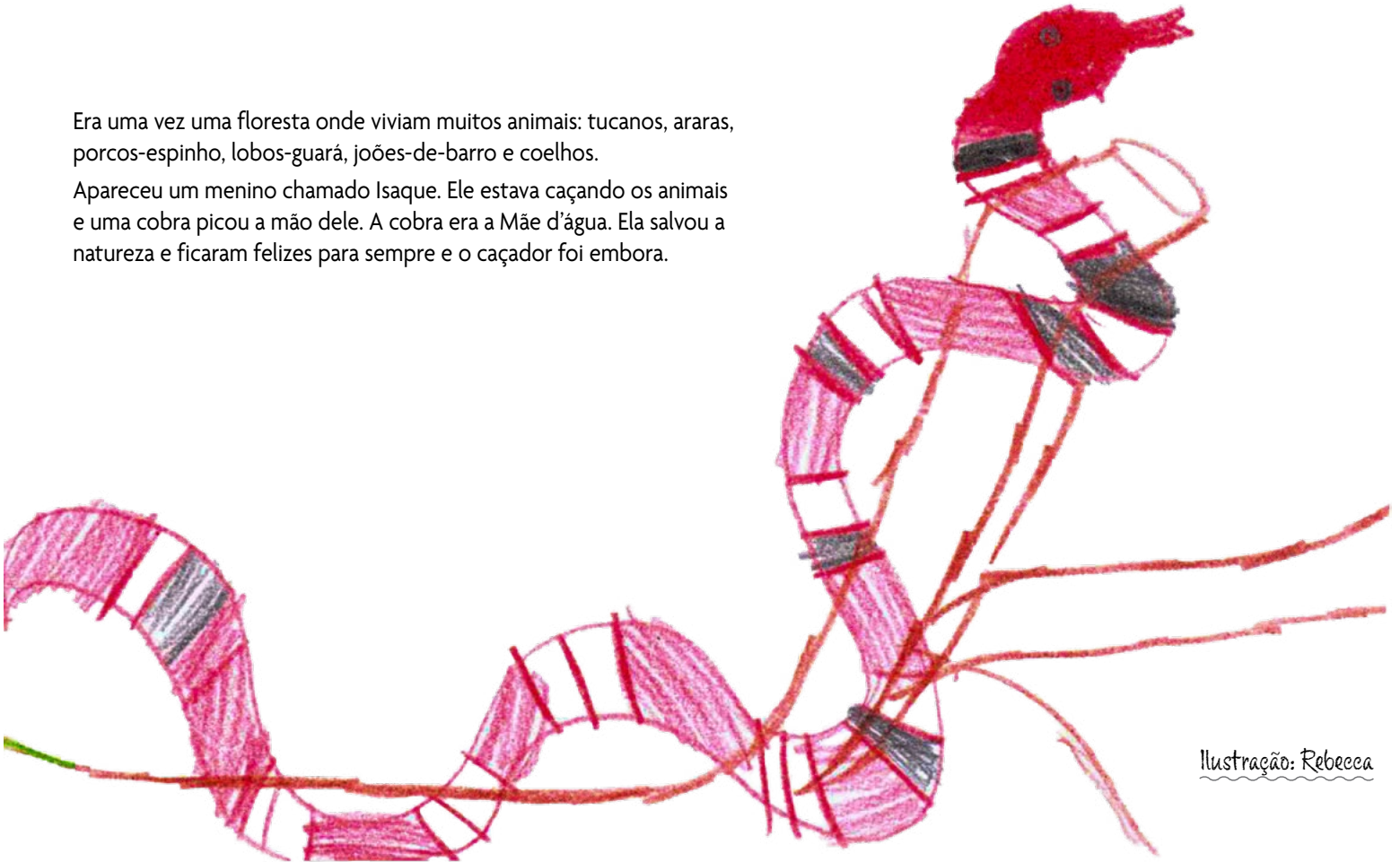


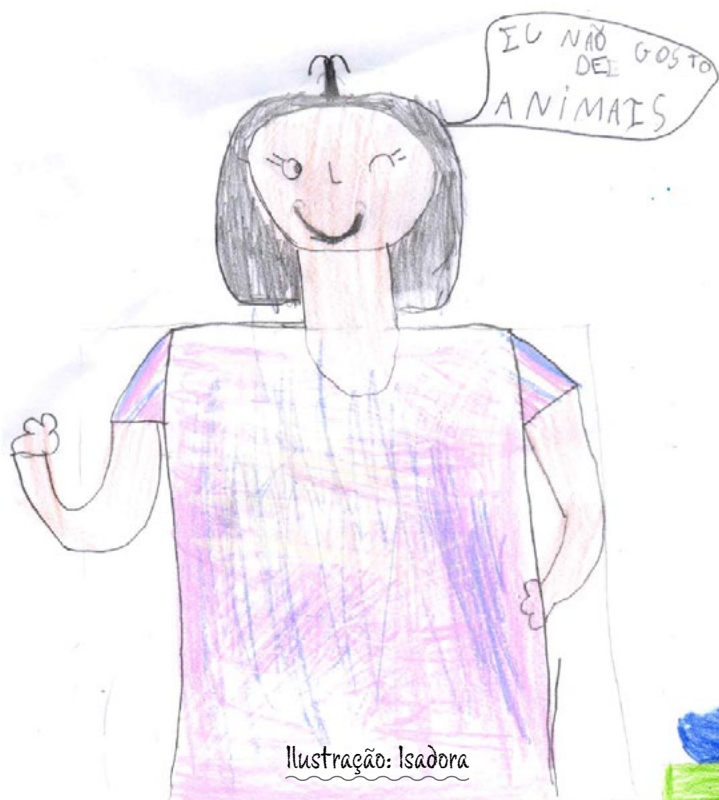
Ilustração: Rebecca

A MENINA QUE MALTRATAVA OS ANIMAIS E A MÃE D'ÁGUA

AUTORA: LARISSA E ISADORA

Era uma vez uma menina chamada Samanta que maltratava os animais. Os animais que ela maltratava eram a arara azul, o tucano, o tatu, o coelho, a capivara e o porco-espinho.

Em um belo dia, ela foi ao rio pegar água para atacar nos animais. Foi quando veio uma cobra que era a Mãe D'água. Ela deu uma lição na Samanta, picando a mão dela e assim ela aprendeu a não maltratar os animais.



LARISSA



Ana Cecília



UM GUERREIRO INDÍGENA

AUTORA: ANA CECÍLIA

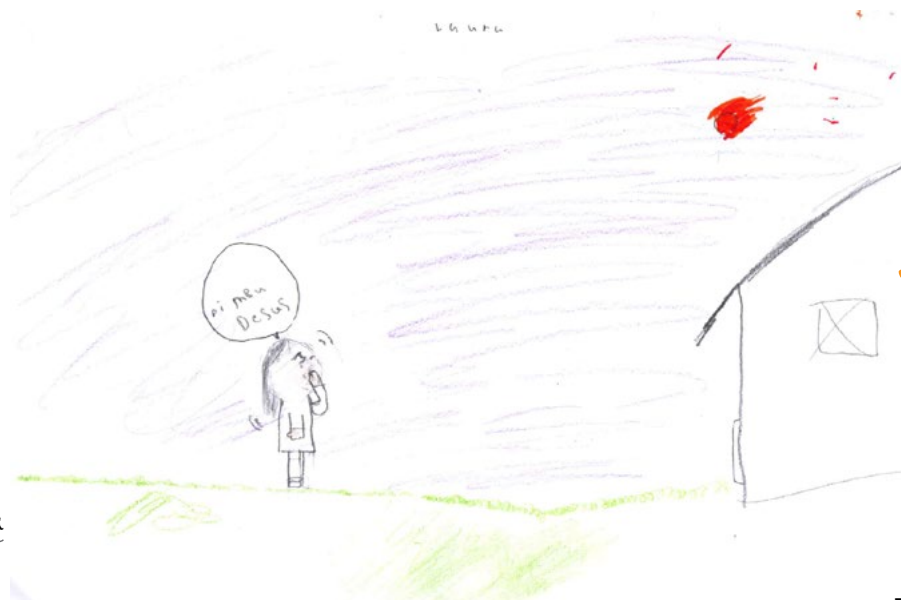
Kaio era um guerreiro indígena que gostava de batalhas. Ele lutou com uma jaguatirica e com uma onça parda. Era bem corajoso. Ele fez um amigo, era um cachorro-do-mato medroso. Mesmo sendo um cachorro, ele o respeitava e o cachorro também.

Um dia uma sucuri apareceu. Ela era gigante, do tamanho de um elefante. O cachorro subiu em um pé de jatobá, mas Kaio lutou e venceu. O cachorro viu aquilo e aprendeu a ser corajoso.



Ilustração: Ana Cecília





O MEDO DA BOLA DE FOGO

AUTORA: LAURA E ISABELA

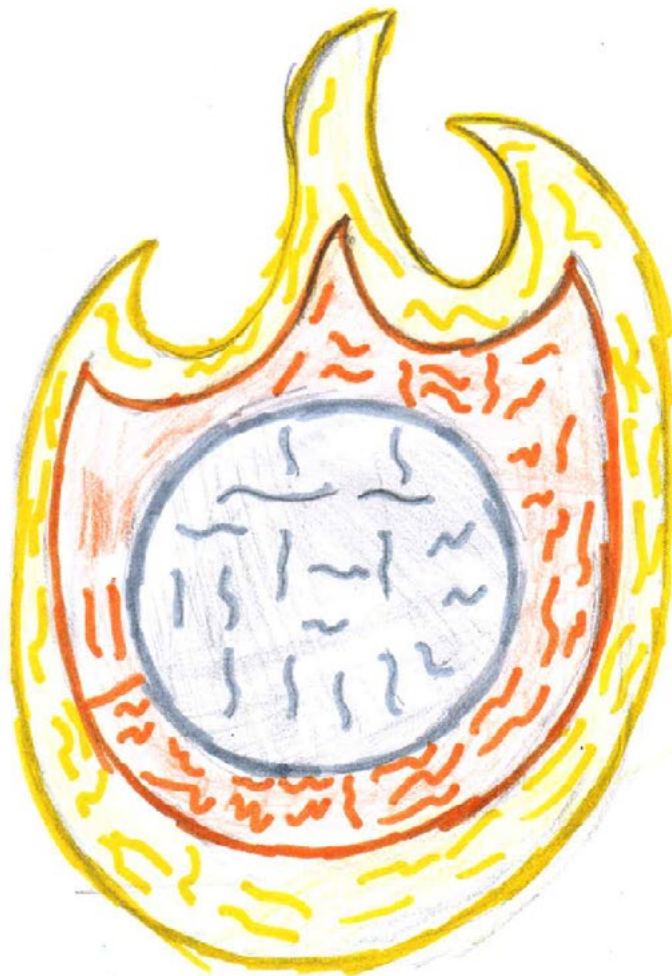
Ilustração: Laura



Ilustração: Isabela

Era uma vez duas mulheres chamada Jéssica e Vitória. Elas eram muito fortes, muito boas e gostavam e cuidavam dos animais do cerrado. Ela conheceu um homem chamado Benício. Ele também cuidava do cerrado.

Um certo dia apareceu uma bola de fogo. Eles ficaram com muito medo. Então pegaram os animais e colocaram dentro de suas casas. A Vitória perguntou sobre a bola de fogo no chat GPT e a internet falou que existia sim, mas não era tão perigosa. A bola de fogo protegia a natureza e as matas. A bola de fogo salvou o lobo-guará de caçadores. Eles soltaram os animais e não tiveram mais medo.



BOLA DE FOGO

AUTOR: KAIO

Era uma vez um bicho que se chamava Mãe do Ouro e ela precisava de ajuda para proteger o ouro. A bola de ouro apareceu e protegeu a floresta.

Tupi antigo: *Ebykíreme morubixaba i xy itaîuba 'îaba sekôû i poraûsubara. Ku'aetaîuba onhemonhang i ka'a rerekoaramo.*

KAIO

Ilustração: Kaio

BOLA DE FOGO E A ONÇA

AUTORA: MARIA ISABEL

Era uma vez uma mulher chamada Emanuelle. Ela era uma mulher linda, inteligente e forte.

Um dia um homem chamado Osvaldo a pediu em casamento. Ela recusou. Meia - noite, Osvaldo foi à casa dela roubar seu ouro e viu uma bola de fogo. Continuou andando e deu de cara com uma onça-pintada. Foi mordido, voltou para sua casa e nunca mais quis saber de pegar ouro.



BOLA DE FOGO E A AVE CORAJOSA

AUTORES: MARIA ESTHER

MARIA E.

Era uma vez uma mulher forte e corajosa. Ela era boa nas coisas e gostava dos animais.

Um dia ela foi ajudar a sua mãe a estender roupas e de tarde foi ao lago e viu uma bola de fogo. Saiu correndo para a sua aldeia e falou para todos os moradores.

Eles disseram para ela que a bola de fogo protegia as matas e ela ficou para ajudar a bola de fogo a defender a natureza. Depois virou uma ave corajosa e linda.



Ilustração: Maria Esther

IZAQUE BATISTA GOMES

UMA INDÍGENA CORAJOSA

AUTORES: IZAQUE

A Rebecca viu um tucano e fez carinho nele. Apareceu uma onça pintada e ela viu a onça muito rápido e a derrubou. Veio o lobo-guará para ajudar a onça e a Rebeca derrubou os dois. Depois ela foi procurar comida na floresta e comeu pequi e buriti.

Tupi guarani antigo: Rebecca osepîak tukana amõ i xuí i apyka. Ìori sekó amõ, aûnhenh sepîaki, i mondóbo. Îasytatá ruri mboîasy resé o îase'o rerekóbo, Ribeka mokõibé sero'ane. A'e ré îasytatá kûara peîu peîu, îasytatá.



Ilustração: Izaque

HISTÓRIA SOBRE A NATUREZA

HISTÓRIA DE UMA JIBÓIA

AUTOR: ESTUDANTE DA TURMA



Era uma vez uma menina chamada Luziane que lutou contra uma jibóia. Ela estava andando pela aldeia do Noroeste, até que apareceu uma jibóia. Ela veio para cima da Luziane, que caiu. Ela falou que iria proteger a aldeia e então ela deu um golpe e segurou a boca da jibóia. Depois fez ela correr para o mato onde era seu lugar de ficar. A jibóia nunca mais incomodou ninguém da aldeia.

DEUS E A NATUREZA

AUTOR: ESTUDANTE DA TURMA

Deus desceu para proteger o mundo de uma catástrofe. Ele chamou seus aliados para combater uma chuva de meteoros e isso gastou sua força. A civilização humana sobreviveu. Deus recuperou suas forças e está pronto para salvar mais uma vez.

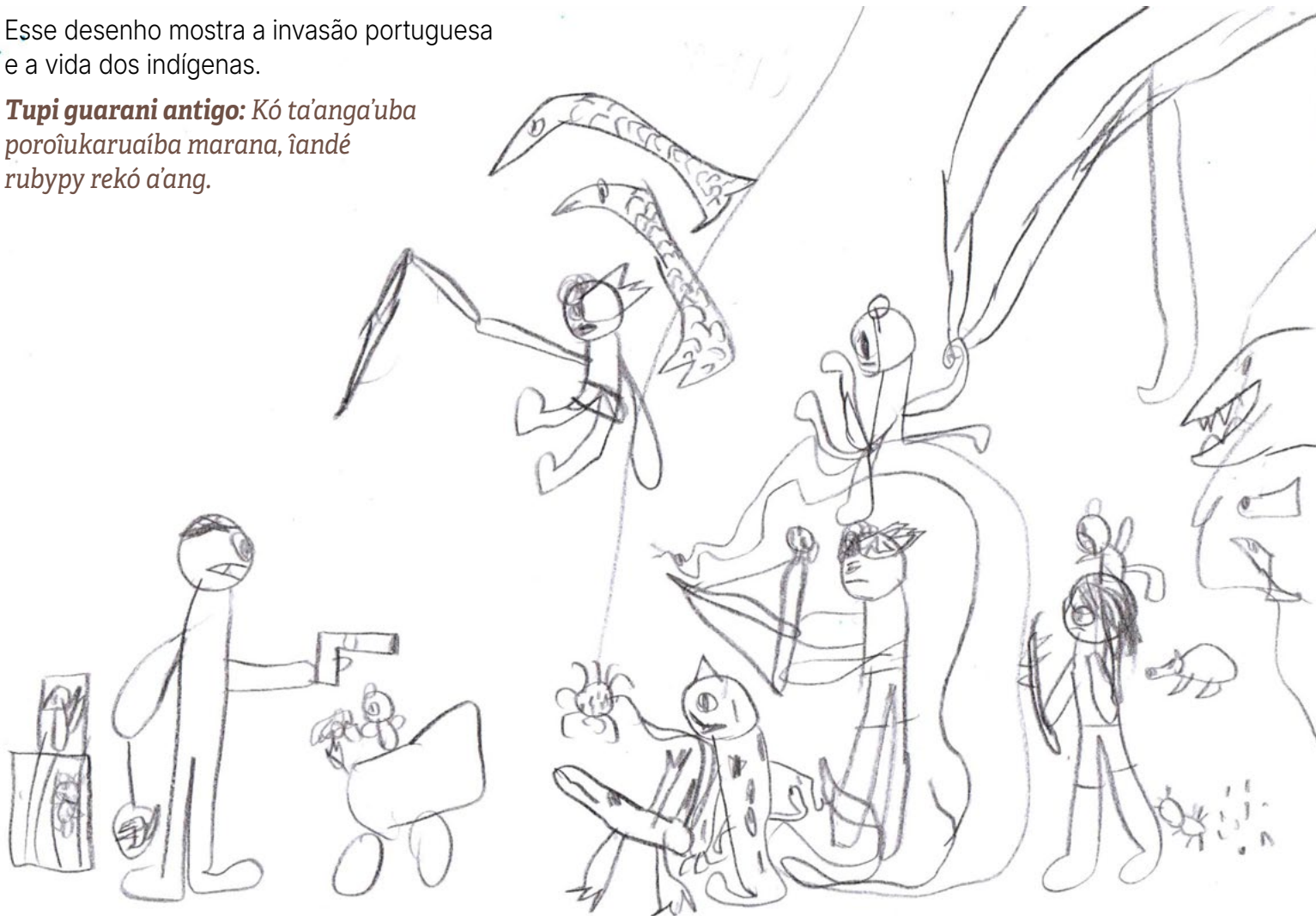


UMA HISTÓRIA

AUTOR: ESTUDANTE DA TURMA

Esse desenho mostra a invasão portuguesa e a vida dos indígenas.

Tupi guarani antigo: *Kó ta'anga'uba poroïukaruaíba marana, îandé rubypy rekó a'ang.*



A participação da turma na proposta desenvolvida pela pesquisadora revelou-se uma experiência significativa e enriquecedora. Ao entrarem em contato com narrativas, saberes e tradições dos povos indígenas, os estudantes demonstraram interesse, curiosidade e envolvimento, expressando suas percepções por meio de perguntas, reflexões, ilustrações e produções autorais repletas de criatividade e significado.

A presença de estudantes indígenas na turma conferiu à atividade um caráter ainda mais relevante, favorecendo o compartilhamento de vivências, o fortalecimento de identidades culturais e o reconhecimento da diversidade presente no ambiente escolar. Os desenhos e demais produções comprovam o engajamento dos participantes com a proposta, tornando o momento uma oportunidade de valorização das culturas indígenas, de respeito às diferenças e de ampliação das formas de compreender e representar o mundo.

Professora Tanyara

Capítulo 5: Histórias do 3 Ano A



Ilustração 30: Sophia T.

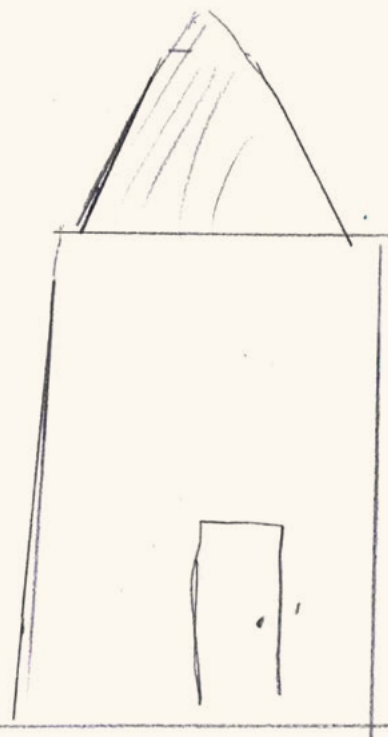




Ilustração: Davi Vioto



Ilustração: estudante da turma

HISTÓRIA DE SACI

AUTORES: ENZO, LUIZ, DAVI VICTOR, JOÃO GABRIEL, MATHEUS E DEMAIS ESTUDANTES DA TURMA

O saci foi lá na floresta fazer travessuras junto com o curupira e foi fazer uma balada na floresta junto com o boitatá.

O saci tem um gorro vermelho, uma faixa vermelha, uma perna e mesmo assim apronta muito. E apronta com todo mundo. Ele era um homem que vivia na floresta e foi picado por uma cobra. Para não morrer, ele perdeu uma perna e ficou somente com uma. Ele inventou o cachimbo e virou o Saci Pererê.

O saci acordou e foi direto para a floresta fazer travessuras. Lá havia vários animais do cerrado correndo do caçador. Ele queimava árvores do cerrado. Quando o saci viu o caçador, ele o derrubou e fez uma armadilha. Chamou a tropa do folclore, que eram seus amigos, para ajudá-lo: o curupira, que é um menino de pé para trás, e a cobra de fogo boitatá para defender as matas. O saci assobiava e ninguém via.

O curupira e o boitatá fizeram o caçador cair na armadilha do saci. O caçador caiu em um buraco. Todos assustaram o caçador, que saiu do mato e foi correndo para a cidade, e nunca mais voltou e nem quis mais saber de destruir a natureza.





A CORUJA DO OLHO DE FOGO

AUTORES: SOPHIA VIEIRA, SOPHIA T. E MARIA HELOÍSA

Certa vez, em uma noite chuvosa, apareceu um caçador na floresta que queria um tesouro que a coruja havia escondido debaixo da árvore. Esse caçador, que era um corajoso indígena, protegia a natureza. Ele teve a ideia de entrar lá na floresta porque queria ter certeza sobre o tesouro. Quando ele entrou, viu uma coruja com olhos pegando fogo. O caçador cavou, cavou e cavou e a coruja acordou e atacou o caçador e ele nunca mais foi lá.

CAPIVARA SEM CABEÇA

AUTOR: MARIA ISABEL

A menina tinha um cachorro e uma vez ela foi para o lago com o cachorro. Havia muita capivara e estava escurecendo. Passaram alguns minutos. Quando o cachorro começou a latir, apareceu uma capivara sem cabeça e dizem que até hoje essa capivara vive nesse lago.



Ilustração: Maria Isabel

HISTÓRIA DE MÃE D'ÁGUA

AUTORA: ISADORA

Era uma vez uma menina chamada lara. Ela era uma indígena muito bonita e guerreira, mas seus irmãos ficaram com inveja porque o pai a considerava como a sua preferida. Os seus irmãos queriam matá-la. Eles a convidaram para andar na floresta, mas lara desconfiou e precedeu a má intenção e os matou primeiro.

O pai ficou bravo com lara e a jogou no rio. Ela se transformou em uma sereia e era uma menina meio peixe. Ela foi para as águas e ficou cuidando e protegendo as águas.

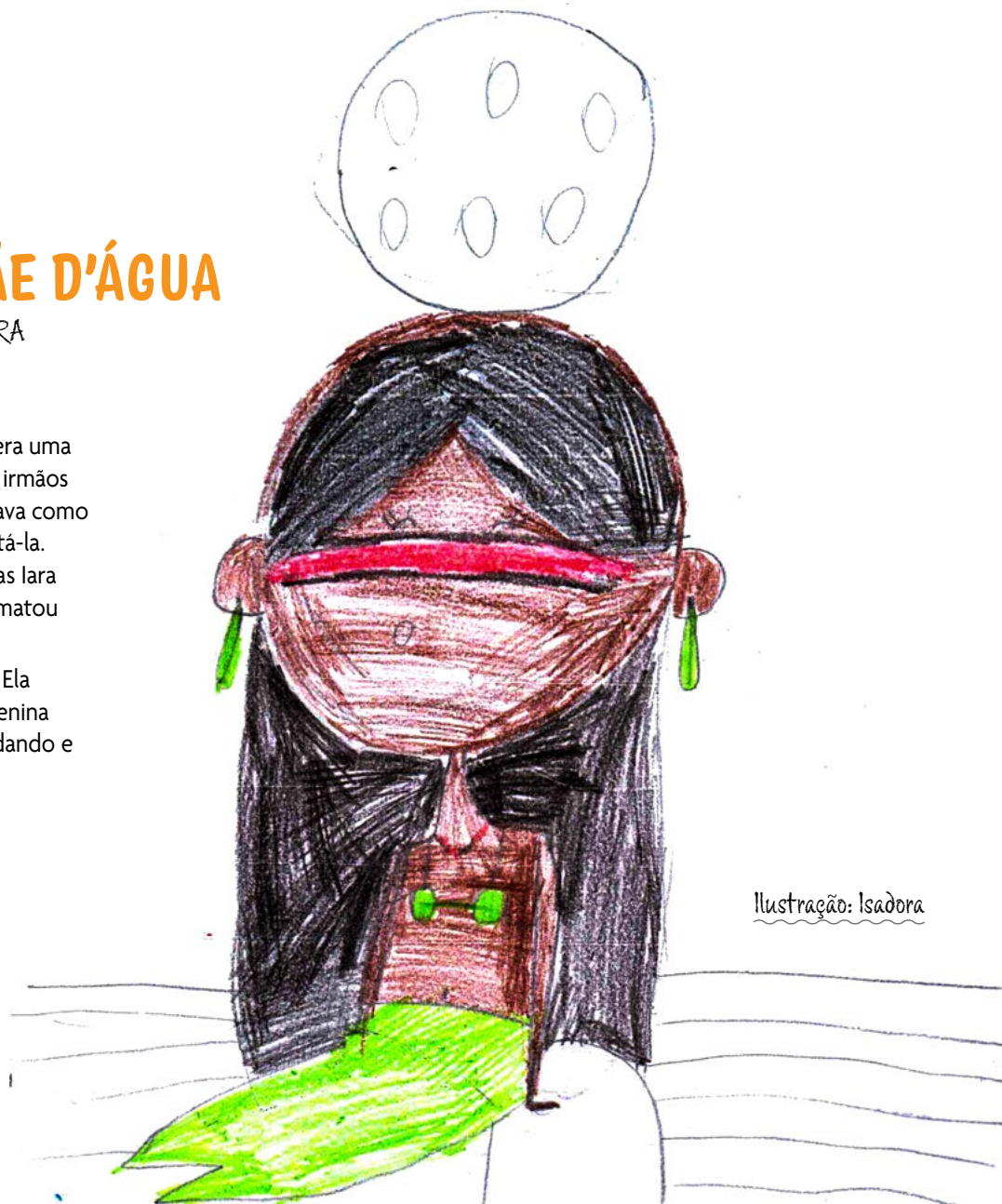


Ilustração: Isadora

A NATUREZA MACHUCADA

AUTORA: ANNA JÚLIA

Era uma noite escura, com sangue no chão e ossos espalhados,
e uma sereia misteriosa tentando proteger as águas, mas acabou ferindo uma pessoa.
No dia seguinte, acabaram matando a guardiã da natureza e hoje a natureza acabou machucada.



A LIÇÃO DE MÃE D'ÁGUA

AUTORES: SOPHIA AGUIAR, ISABELLE, ANA LUISA

Era uma vez um menino malvado.

Um dia ele foi ao rio que tinha perto de sua casa. Aquele rio era a casa de mãe d'água, que era uma mulher linda de cabelos castanhos, compridos e enrolados.

Ele tinha jogado lixo no rio e a mãe d'água o afogou, mas ele conseguiu se salvar. Ela falou para ele não jogar lixo no rio. Ele aprendeu a lição e nunca mais jogou lixo nas águas.



Ilustração: Sophia Aguiar

A MENINA IARA

AUTORES: LUNA E DEMAIS ESTUDANTES DA TURMA

Era uma vez uma menina chamada Iara que tinha dois irmãos que gastavam muita água. No começo, ela não ligava muito, mas passaram dos limites. Essa menina era Iara, a protetora das águas. Teve um dia que sua irritação era tanta que fez um redemoinho na água e o irmão foi puxado por ele e gritava:

– IARA! IARA!

Sorte que a mãe e o pai da menina ouviram e salvaram o irmão dela. Depois dessa situação, o irmão não quis mais saber de desperdiçar água.



AS CRIANÇAS

AUTORAS: SOPHIA T. E MARIA ISABEL

Era uma vez um indígena que estava no rio pescando e a mulher estava em casa fazendo o almoço.

Essa família tinha duas filhas. A mulher foi pescar e caçar e a avó ficou com as crianças.

As crianças aproveitaram que a avó estava dormindo e foram brincar lá fora.

Elas encontraram uma onça e a mãe apareceu e matou a onça.

O pai ficou impressionado com a sua esposa que conseguiu matar a onça e ficou mais apaixonado pela coragem e por ter salvado seus filhos.



Ilustração: Sophia T.

A COBRA GIGANTE

AUTOR: JOÃO GABRIEL

Era uma vez uma cobra gigante que morava no rio.

Um dia ela se apaixonou por uma indígena, a seguiu e ela acordou grávida. Nasceram duas cobrinhas: uma era uma cobra menino e a outra uma cobra menina. O menino se chamava João Guasu e a menina se chamava Caninana. Ele era um herói. Ele tinha capacidade de virar humano e salvava a natureza e banhistas. E a menina cobra Caninana era malvada e sem coração.

Cansado das maldades da irmã de afundar banhistas e embarcações com indígenas, ele resolveu matá-la e conseguiu salvar muitos indígenas. Para se tornar um homem normal, precisava tomar uma gota de leite e golpear o seu pai na cabeça. Ninguém tinha coragem, nem sua própria mãe. Um soldado decidiu atender ao pedido e fez isso. Depois disso, se tornou um homem normal e bonito, mas quando se molhava com um pouco de água, ele se tornava cobra novamente até se secar. Ele virou o velho homem do rio e continuou protegendo a natureza e os indígenas.



Ilustração: João Gabriel



Ilustração: Pedro Henrique



Ilustração Benjamin F

Capítulo 6: Histórias do 3 Ano C

Este livro nasceu de uma experiência de aprendizagem marcada pelo diálogo, pela criatividade e pelo respeito à diversidade cultural. Sob a condução da pesquisadora, nossos estudantes conheceram lendas indígenas, ampliaram seus conhecimentos sobre os povos originários do Cerrado e transformaram esse aprendizado em textos e desenhos repletos de imaginação e sensibilidade.

As produções reunidas neste livro revelam olhares genuínos da infância. Em cada página, encontramos a criatividade, a sensibilidade e a autenticidade de crianças que transformaram conhecimentos em narrativas e ilustrações cheias de significado. São registros que evidenciam o quanto a escola pode ser um espaço de diálogo, valorização das diferenças e construção de novos aprendizados.

Que as páginas deste livro despertem nos leitores o encantamento pelas narrativas e pelos saberes dos povos originários do Cerrado, fortalecendo o respeito às suas histórias, tradições e à riqueza cultural que preservam.

Boa leitura!

Profª. Professora Dilma

A ARARA E OS HUMANOS DO MAL

AUTORAS: REBEKA, MARIA CECÍLIA E ALICE

Era uma vez uma arara que vivia na floresta e uns humanos do mal tentaram botar fogo nela, mas os humanos do bem não deixaram. Os animais atacaram os humanos do mal e conseguiram salvar a floresta. A arara ficou feliz.

Tupi guarani antigo: *Îasytatá kûepe i nhemonhangî, abâmemûã oîpotá i momembeka, abáporopotara n'î apysâi. So'o abá moaûîêbo, i kaûî mopu'ama. I moasyagûera yby.*



Ilustrações: estudante da turma

A LAGOA DO PRESENTE

AUTORA: MARIA CECÍLIA



Era uma vez uma lagoa que dava presentes para todos os animais: peixes deliciosos e água fresca. O boi - guará, tamanduá-bandeira, tatu-canastra, veado-campeiro, onça-parda iam sempre lá.

Um dia um indiozinho foi na lagoa e não recebeu nada porque a natureza estava destruída e ficou triste.

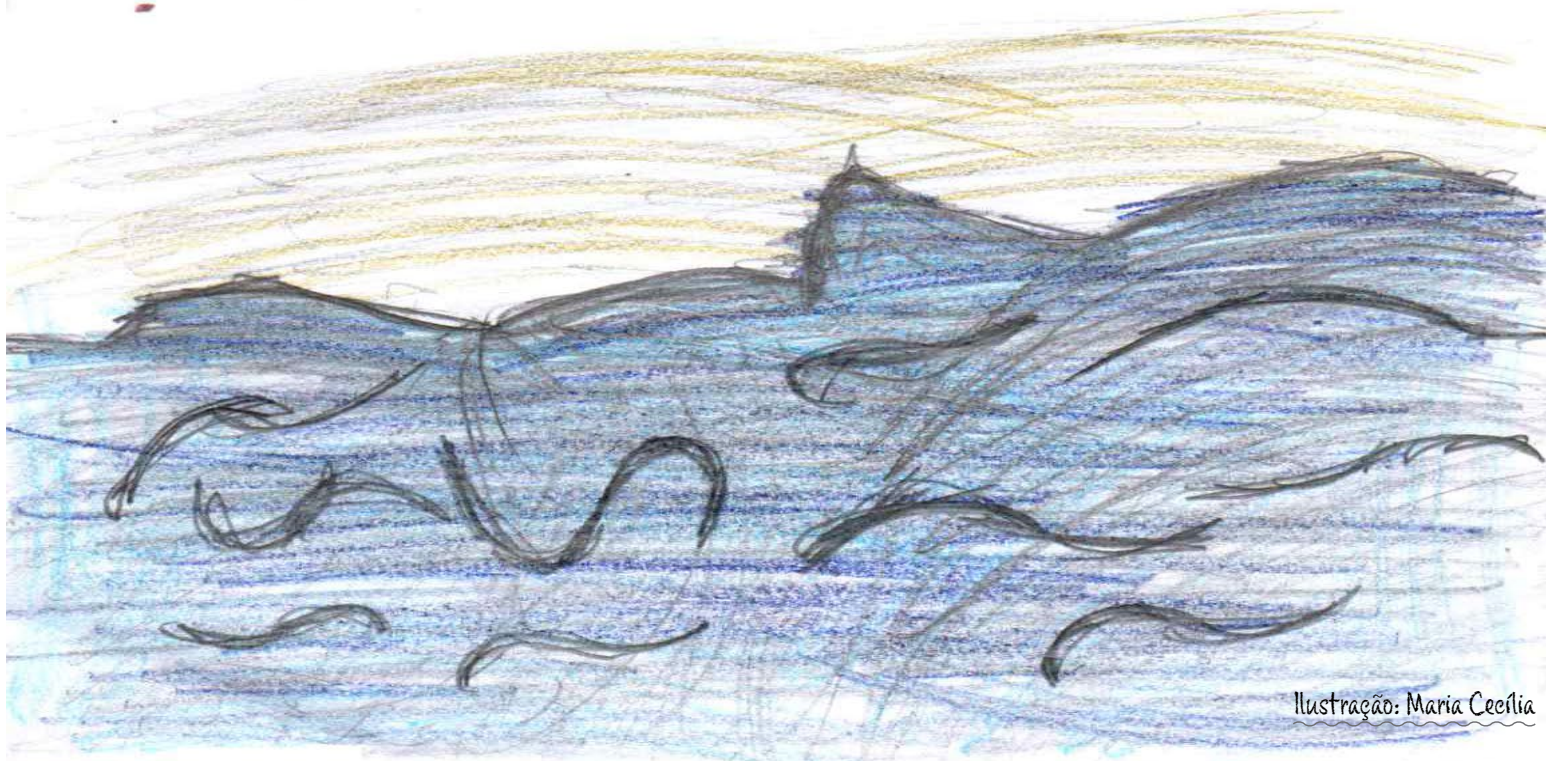


Ilustração: Maria Cecília

UM MENINO CHAMADO BRUNO

AUTORES: SAMUEL, JOÃO E BENJAMIM FERNANDES

Era uma vez um menino chamado Bruno.

Um dia ele estava andando pela floresta e encontrou uma coral verdadeira.

Ela falou para o Bruno que alguns caçadores queriam pegar cobras e derrubar árvores de Ipê amarelo.

Então Bruno voltou para a aldeia dele e todos não deixaram isso acontecer.



Ilustração: João e Samue

A LENDA DA ONÇA-PINTADA

AUTORES: ALICE, MARIA CECÍLIA, REBEKA E LUISA

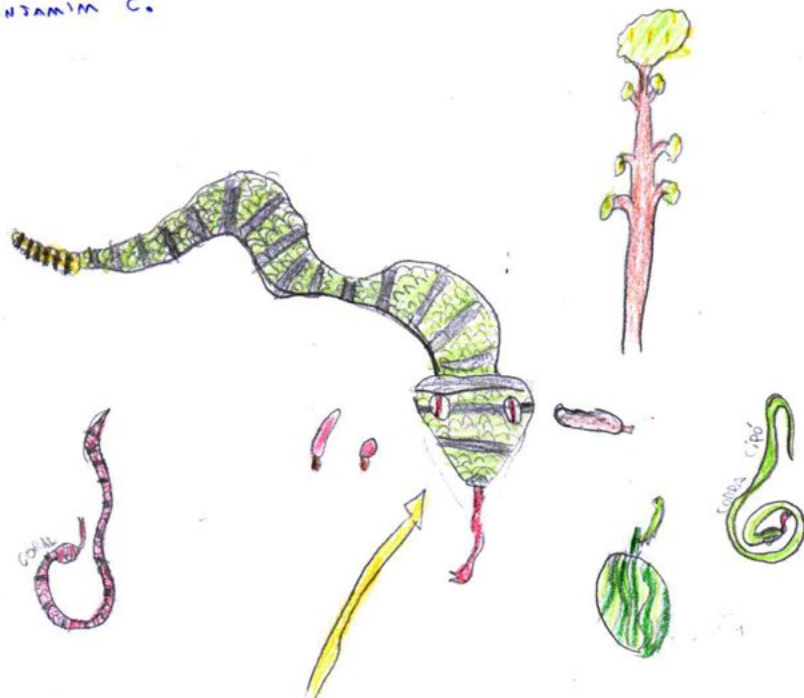
Era uma vez uma floresta onde havia homens que estavam poluindo. A onça-parda viu e não quis deixar isso acontecer. Ela jogou uma bola de fogo para atrair os homens malvados e depois que a bola de fogo os atraiu para fora da floresta, a onça pintada restaurou a floresta, deixando os animais a salvo.



Ilustração: Alice e Rebeka



BENJAMIM C.



ESSA É A COBRA JIBÓIA.

Ilustração: Benjamin C.

A COBRA JIBÓIA

AUTORES: PEDRO HENRIQUE,
MATHEUS E BENJAMIM C.

Era uma vez uma jiboia do cerrado e veio um homem e invadiu o cerrado para capturar a cobra. Ela chamou os espíritos da floresta para dar um castigo. A perna do homem virou perna-de-pau e ficou com a cabeça de melancia do cerrado e os braços viraram vidro. Ele ficou com medo e foi embora.

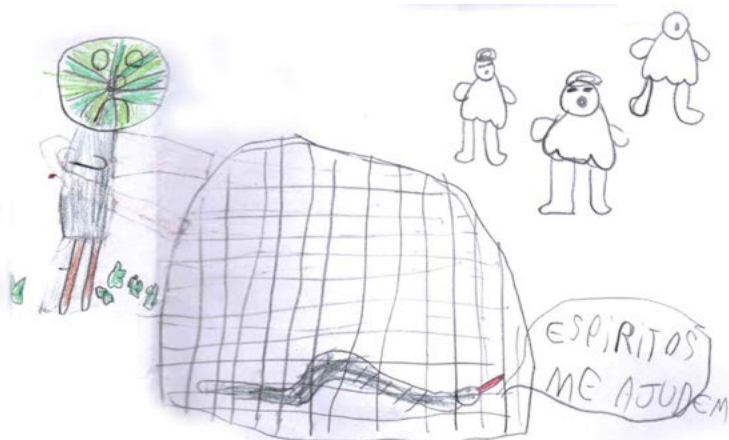
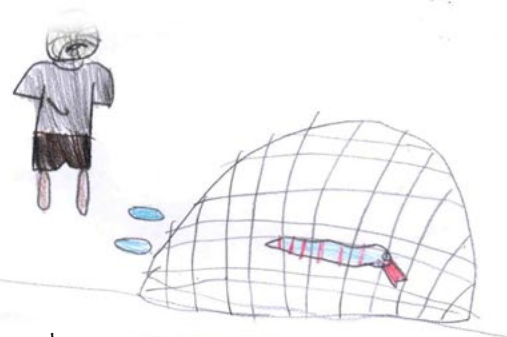


Ilustração: Pedro Henrique e Samuel



LEVI

BABAÇU



TUCUNARÉ



MACAÚBA



MELANCIA

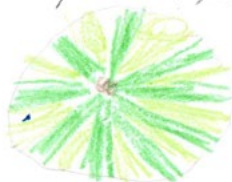


Ilustração: Levi

300

1/27



Ilustração: Adryan



BOLA DE FOGO

AUTOR: FABRICIO

Era uma vez uma bola de fogo que protegia a floresta. Ela assustava quem queria pegar ouro.

Tradução tupi: Erimba'e tatáuba ka'a nongasara
Aiangerasó itaiuba potaryba'e



Ilustração: Samuel



Ilustração: Fabrício

A FLORESTA E A CIDADE

AUTOR: JOYSÉ

Uma vez em uma floresta atacaram a aldeia e fizeram a cidade.

Os indígenas pegaram arco e flecha para se defenderem. Eles conseguiram porque Deus protege a floresta e os indígenas e fez uma barreira de proteção que salvou a floresta e seus habitantes.

Tupi antigo: Oïepé ka'a pupé taba repenhani, tabusu monhangí Abá iurupara iu u'uba rari o iepirapûana Sekoabá Tupã ka'a abá rerekoagûera resé, ybyrá oïmonhangûera, ka'a o pora pysyrôba'epûera





Capítulo 7: Histórias do 1 Ano A

A visita da pesquisadora trouxe para a sala momentos de muita escuta, curiosidade e encantamento para as crianças. As histórias indígenas que foram contadas despertaram o interesse das crianças. Elas participaram das conversas, fizeram muitas perguntas e compartilharam aquilo que compreenderam, as suas próprias ideias e experiências que já tiveram. Falaram sobre os personagens, os animais, a natureza e os ensinamentos presentes nas narrativas. Nos desenhos e textos produzidos por eles, as crianças mostraram o quanto as crianças se apropriaram da proposta e deram novos significados ao que aprenderam.

Nós temos na sala estudantes indígenas, o que foi muito gratificante, vendo na prática os diferentes saberes e vivências, presentes no cotidiano da escola de forma natural e respeitosa. Foi uma oportunidade de conhecer novas histórias, mas também de reconhecer e valorizar histórias que já fazem parte da vida de muitos dos nossos alunos e de suas famílias.

Essas experiências nos lembram que a escola também é um lugar de encontro entre culturas, de construção de respeito e de aprendizado coletivo, valorizando a transversalidade.

Prof. João Maria José da Silva

A COBRA E A ALDEIA

AUTORES MILENA

AUTORA: MILENA

Era uma vez uma aldeia. Havia uma cobra que protegia a Aldeia, a cultura e a floresta. Os caçadores machucaram a cobra. A mãe da Aldeia curou os ferimentos e a cobra voltou para a floresta para proteger as matas.

Tupi guarani antigo: *Kó taba pupé i mbo'aû taba rerekoara, tekoaíba, ka'a rerekoara. Anhangá ratá mboia. Madre Cidade mara'ara mûeîrabyîara A'ereme mboia o îepe i nhemimi, gûyrá rerekóbo.*

Ilustração: Milena

MEDUSA

AUTORA: GEOVANNA



Medusa era cobra de dia e à noite protegia a floresta. Quem machucasse as cobras, ela transformava em pedras.



Ilustração: Geovanna



HISTÓRIAS DE IARA

AUTORES: LÍVIA E ESTUDANTES DA TURMA



Ilustração: estudante da turma

lara era uma indígena muito elogiada pelo pajé. Jogaram a lara na água e ela virou uma sereia.
Ela atraiu o caçador com o canto dela. Ela o leva para a água e ele fica com ela protegendo as águas.

Um outro dia, a sereia estava sentada na pedra do mar.
Ela achou um balão gigante, uma flor com uma cobra e encontrou um arco-íris na pedra. Ela encontrou um coelho do cerrado para subir no arco-íris e ir até ela. Todos juntos protegiam a natureza e o balão virava onça e protegia a sereia.



Ilustração: Livia

UMA FLORESTA

AUTOR: ESTUDANTE DA TURMA

Uma criança, chamada Isabelli, estava perdida na floresta. A floresta tinha oito passarinhos, uma sucuri, uma arara e muitos outros animais. Ela encontrou um peixe e uma onça-pintada.

Ela tinha que tomar cuidado com a onça e o peixe estava ajudando a encontrar a família da menina.



Os pais morreram em um acidente e os irmãos e a bisavó cuidavam dela. Ela era de uma aldeia no cerrado e lá é muito legal e tinha os amigos dela



TISSUNAMI

AUTORES: PEDRO MACÊDO,
MURILO E ESTUDANTES DA TURMA

Uma criança estava perdida e teve um tsunami atrás dela e a criança estava com medo.

O tsunami desapareceu e tinha uma planta que não podia tocar se não morre. A planta protegia a criança e os pais a encontraram.

ELIAS

O HOMEM QUE COMIA COBRA

AUTORES: ELIAS, MURYLLO, ÍTALO, AMARO E ESTUDANTE DA TURMA

Ilustração: Elias



Ilustração: Muryllo

Era uma vez uma cobra e havia um homem que a queria para comer.
Ele queria matá -la e estava cozinhando a cobra. Depois que comeu, deu dor de barriga e foi ao banheiro e vomitou.

O homem aprendeu a não comer cobras.

Tupi guarani antigo: I mboïa 'useitara abá i 'useietáporopotara. I iukápotá tenh i mbo'yramo. I gûaba riré,
i xy i moangaipapa, i xóû, i akyramo. Abá o'oiabo mboïa 'u e'yma.



A COBRA AMIGA

AUTORA: ANNA LIS

Era uma menina e a família estava passeando e resolveu ir à floresta. Apareceu uma cobra e pegou os doces. A cobra ficou amiga e foi para casa com a menina.



Ilustração: Anna Lis

A MENINA E O LOBO-GUARÁ

AUTORA: MARIA VIEIRA



Era uma vez uma menina que ficou amiga de um lobo-guará e uma cobra queria picar a menina e o lobo-guará a protegeu.



Ilustração: Maria Vieira

UMA AVENTURA SOBRE COBRA

AUTORES: AMARO, ÍTALO E PEDRO
MACEDO

Alguém estava no meio do mato. Então
apareceram duas cobras e depois ele pegou uma
espada e um escudo e subiu em uma árvore.
As cobras estavam tentando subir e elas não
conseguiram.



Ilustração: Pedro Macêdo

Era uma vez um menino que subiu em uma árvore e tinha uma cobra perigosa que o picou enquanto ele tentava fazer carinho nela. Ele sangrou com a picada.

A cobra era venenosa e continuou em cima da árvore. O irmão desse menino que estava com ele, também foi picado por essa cobra, que era bem grande. Estava chovendo, a cobra saiu, foi para baixo da terra e picou o pé do irmão. Os meninos morreram.

A COBRA PERIGOSA

AUTOR: ÍTALO



A ABELHA

AUTOR: PEDRO LUCCA

Era uma vez uma abelha que me picou e
doeu e ela caiu na teia da aranha.

Ilustração: Pedro Lucca



Capítulo 8: Histórias do 1 Ano B

Et la voleceatur sequis repedit eum ex ea que nobitia velicit re
porehenis net ime dolor sim sitate nemod eum intur?

Ad minctisi accum re corporro corporerovid mi, suntion rem
reium fugitinvenis imi, sam volorem verferis et et assinve ritatur
eratus simin nes et repudis dolecessunt que consequ aerovidel
ipid ut et pra aut pore voluptium evendae. Nam quid eossequ
porrum ad quatem con eum quo berum vel inus siti tem nimus
sequo dolupta quant, es pore volupta delesendae minciantotae
vitiosa nimpore oditi blaborios con es es si di doluptaquas ut odi
as moloreiur, sequi quati raero quid quia vento que illestrundi
omniend endundempor molupta tisqui vidi ut dolorpos eareia
plaborum vellaborit quo il moluptatusa qui sitia quiaero volo
toreptiam laut utem illut ut la connis etur ad moloraerae qui ut
faceaerum eos qui ut et et eum hit.

Ilustração: Carolina

Prof. João Maria José da Silva





HISTÓRIA DE UMA MENINA

AUTORES: HELENA
E ESTUDANTES DA TURMA

Era uma vez uma menina chamada Clara.

Um dia ela foi para a floresta e encontrou
animais: cobra, onça, porco-espinho, tucano,
lobo-guará e quati.

Os animais gostaram dela e decidiram protegê-
la. Então chegaram os caçadores e queriam
trazê-la de volta para a aldeia porque a floresta
não era segura. Os animais não a deixaram ir
embora e eles viveram felizes para sempre na
floresta.

MARIA EDUARDA

HISTÓRIA DE CRIANÇAS

AUTORES: MATEUS E MARIA EDUARDA

Era uma vez cinco crianças que se aventuraram na floresta e elas viram as duas mães: A Mãe D'Água e a Mãe D'Ouro. Elas ajudaram as crianças a acharem a vila e os pais. Todos viveram felizes para sempre.



Ilustração: Maria Eduarda

HISTÓRIAS SOBRE A MAÇÃ DOURADA

AUTORES: LILA, JOSÉ SÉRGIO
E ESTUDANTES DA TURMA

Era uma vez uma menina indígena. Os pais estavam doentes e somente existia uma cura: uma maçã dourada que falava a verdade. Os pais ficaram melhores e foram felizes para sempre.



Um outro dia uma garotinha que gostava de pular na grama foi surpreendida por uma onça pintada, que se aproximou da menina e queria comê-la.

O pai e a mãe falaram para a filha sair se não a onça pintada ia pegar. Então a onça pegou a menina e ela ficou machucada, mas a menina comeu a maçã dourada e ficou bem e os pais ficaram felizes.



Ilustração: José Sérgio

Uma outra história é a seguinte. Dois indígenas irmãos estavam fora de casa e viu frutas nas árvores. Eles pensaram que era uma beterraba, só que era uma fruta que curava as pessoas.

O irmão e a irmã estavam doentes e decidiram pegar a maçã dourada e ficaram curados. Eles viram um castor dentro da toca da árvore e foi brincar de pique-pegar. Todos brincaram juntos, animais e indígenas, de pique-alto e pique-pegar.



HISTÓRIA DE COBRA

AUTORES: HELENA, ANA VITÓRIA
E ESTUDANTES DA TURMA



Era uma vez um lobo-guará que foi atacado por uma cobra. O tucano foi ajudar o lobo-guará. A onça pintada comeu a cobra. E todos foram felizes para sempre.

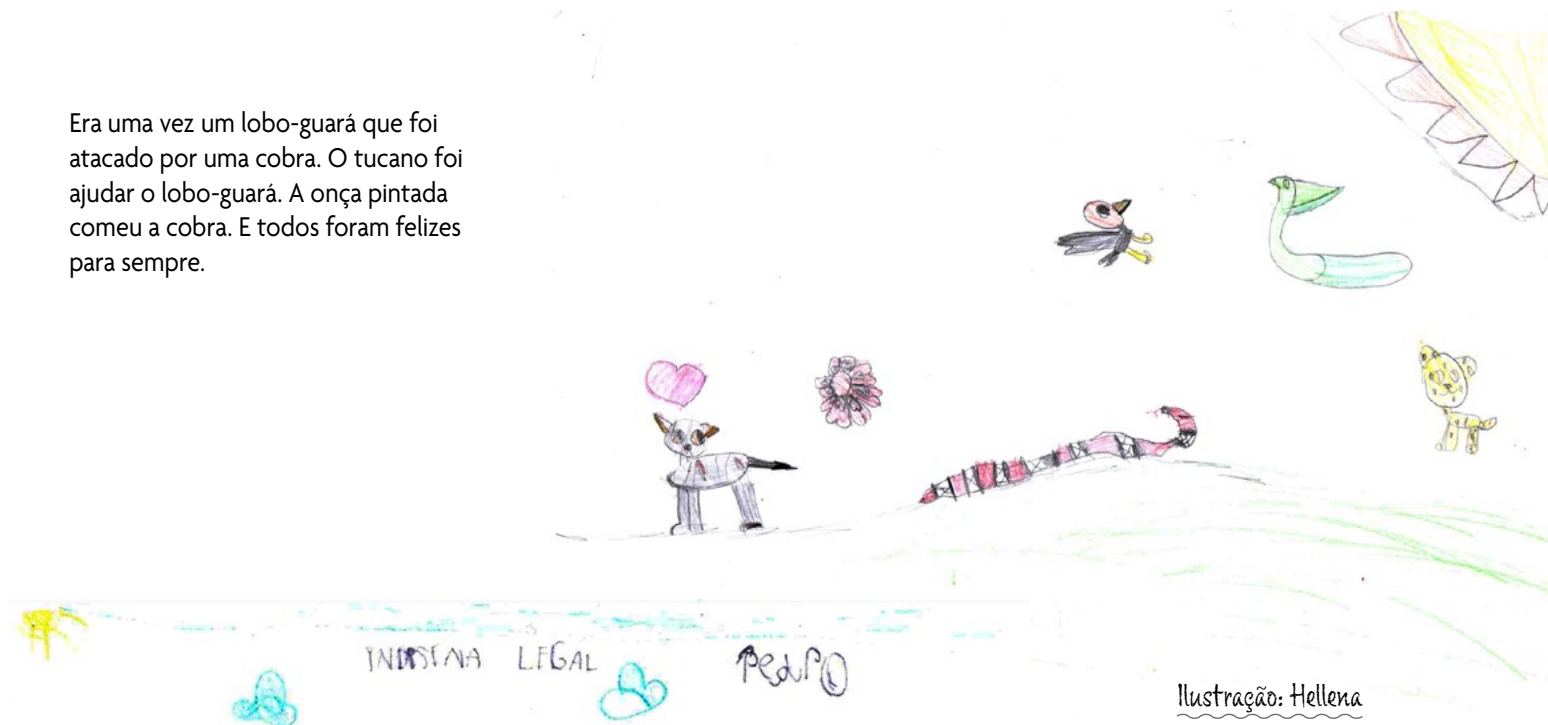


Ilustração: estudante da turma

HISTÓRIA DE UMA ÁRVORE

AUTOR: MATHEUS

Era uma vez uma árvore que se transformou na Mãe Natureza e
tinha um manto violeta e ajudou a cuidar da natureza.

Tupi antigo: Erimba'e 'yba Tupã Mamõnamo onhemonhangyba'e
aopyranga reroia'ok, tekó angagûama resé oipytybõ



Ilustração: Matheus

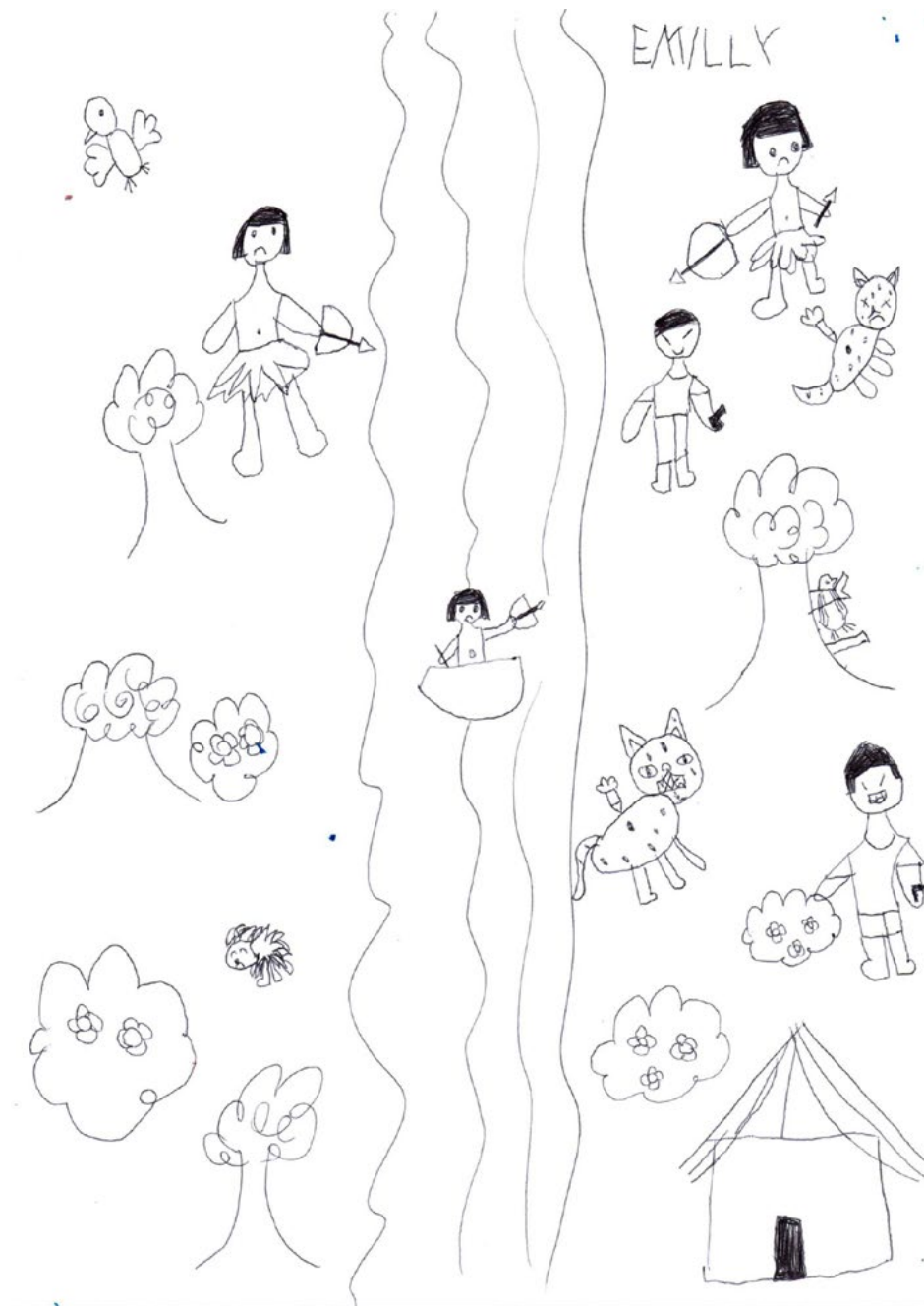
CUIDE DA MÃE NATUREZA

AUTORA: EMILY

Era uma vez um caçador de animais que queria capturar uma onça. Ele atirou uma bala que tinha anestesia e a onça ficou desacordada. Um indígena foi lá e salvou a onça e os animais.

Então vieram mais caçadores e depois os indígenas saíram da aldeia e foram morar em outra aldeia. O caçador colocou fogo na floresta e os animais ficaram sofrendo e o porco-espinho saiu correndo com medo de ser morto.

Os indígenas vieram e salvaram todos e devolveram os animais para a natureza. E viveram felizes para sempre.





AUTOR
MARUAN

Ilustração: Maruan

18



ANIMAIS

CERRADO

AUTOR: MARUAN

Eu amo o cerrado. Nele tem
muitos animais, cobras, peixes e
insetos. É importante protegê-lo.



CIPO ●



ABELHA



MOLETO ●



CURURU ●



PIRANHÁ



Ilustração: Maruan



Ilustração: bryan

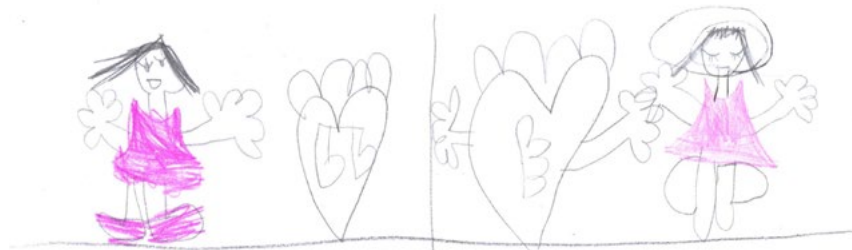


Ilustração: Isabela



Ilustração: Júlia



GLOSSÁRIO





GLOSSÁRIO

O **Tupi Antigo** (ou língua brasílica) foi a língua falada pelos povos tupis no litoral do Brasil nos séculos XVI e XVII. Suas raízes permanecem vivas hoje em nomes de lugares, animais e alimentos no português brasileiro.

Um glossário básico desta língua clássica inclui:

Vocabulário Comum

- **Abá** (ou *ava*): Homem, gente, pessoa, índio.
- **Caraíba** (*kara'iwá*): Profeta, pajé ou o nome dado aos homens brancos pelos indígenas.
- **Ibi** (*yby*): Terra, chão, solo, mundo.
- **Miri** (*miri*): Pequeno, pouco (frequentemente usado em oposição a *-açu*, que significa grande).
- **Peró** (*peró*): Português (designação dada pelos indígenas devido ao grande número de “Peros”, como Pero Vaz de Caminha, que chegaram ao Brasil).
- **Pira** (*pyra*): Peixe.
- **Tinga** (*tynga*): Branco.
- **Una** (*una*): Preto, escuro.

Elementos da Natureza

- **I** (ou *Y*): Água ou rio.
- **Açu**: Grande.
- **Tininga** (ou *Tinga*): Branco ou claro.
- **Piranga**: Vermelho.
- **Panema**: Ruim, sem sorte ou infértil.
- **Poranga**: Bonito.

Natureza e Animais

- **Aba**: Homem, gente, pessoa.
- **Ita**: Pedra, rocha.
- **Ka'a**: Mata, floresta, selva.
- **Pirá**: Peixe.
- **Yaba**: Fruta, baga.
- **Yby**: Terra, solo, chão.
- **Guri**: Menino ou criança.
- **Curumim**: Menino pequeno.
- **Uruçu**: Grande abelha ou corante vermelho.
- **Aba-cá-taia**: Peixe-galo / peixe de água salgada..
- **Tucura**: Gafanhoto.
- **Jabuti**: Tartaruga terrestre.

Plantas e Alimentos (Ka'a e Tembú)

- **Açaí**: Fruto que chora.
- **Aipim**: Mandioca.
- **Babaçu**: Palmeira.
- **Caju**: Fruto do cajueiro.
- **Capim**: Erva, pasto.

Elementos e Cores (Yby e Ob)

- **Ita**: Pedra.
- **Ob / Obu**: Verde ou azul.
- **Piranga**: Vermelho.
- **Tinga**: Branco.
- **Una**: Preto.
- **Yua**: Amarelo.

Moradia e Pessoas

- **Abá**: Homem, gente, pessoa.
- **Canoa**: Embarcação.
- **Peró**: Português (forma como os indígenas chamavam os colonos).

Ações e Objetos

- **Eté**: Verdadeiro, muito, o próprio.
- **Oka**: Casa, moradia.
- **Paná**: Dar, entregar.
- **Potá**: Querer, desejar.
- **U**: Comer.

Lugares e Nomes Comuns

- **Iguaçu**: Água grande (i = água, guaçu = grande).
- **Ipanema**: Rio ruim ou sem peixe (i = água, panema = ruim, sem sorte).
- **Ipiranga**: Rio vermelho (i = água, piranga = vermelho)

Sufixos Temporais (Conceitos Gramaticais)

- **Puera**: Indica algo que já foi, o passado (ex: *tupãpuera*, um antigo deus).
- **Rama**: Indica futuro, o que vai ser (ex: *kunumirama*, um futuro menino).

Para expressões e usos específicos:

- **Amor / Amar (verbo)**: *Aysú* (Tupi-guarani) ou *Uzamutar* (Guajajara).
- **Eu te amo / Nós te amamos**: Em tupi antigo, a construção gramatical mais fiel é **Uru au suí**.

O universo linguístico indígena é rico e diverso.

Dicionário de Tupi-Português (Raízes Comuns)

Explore os verbetes abaixo para conhecer o significado de termos essenciais e palavras do cotidiano:

- **Abacaxi:** Ywá (fruta) + káti (cheiroso) = Ywakáti
- **Açaí:** Iwasá'i (fruta que chora/solta líquido)
- **Aipim / Mandioca:** Mani'oka
- **Caju:** Aka'yu
- **Capim:** Ka'a (mato) + pi'ũ (fino)
- **Guri:** Kuri (rapazinho/jovem)
- **Ipanema:** I'panema (água ruim ou rio sem peixe)
- **Ipiranga:** Y (água/rio) + piranga (vermelho) = Rio vermelho
- **Itaipu:** Ita (pedra) + pu (barulho/som)
- **Jaguar:** Yawa'wara (cão feroz)
- **Maracanã:** Maraka'nã (semelhante a um chocalho)
- **Piranha:** Pira (peixe) + anya (ruim/diabólico)
- **Pitanga:** Pi'tã (vermelho)
- **Tatu:** Ta'tu

Clique ou Acesse o
QR-Code para consultar



GLOSSÁRIO GUAJAJARA

Família: tupi-guarani (tronco tupi)

Falantes: 29.212 falantes

Localização: Maranhão

Dicionário Guajajara (LÍNGUA conhecida como Tenetehara)

Em tupi-guarani e na língua do povo Guajajara, a palavra **Aysú** é o termo mais conhecido para amor. O verbo amar, em guajajara ou tupi antigo, abrange um sentido profundo de cuidado com o próximo e com a natureza.

Para expressões e usos específicos:

- **Amor / Amar (verbo):** *Aysú* (Tupi-guarani) ou *Uzamutar* (Guajajara).
- **Eu te amo / Nós te amamos:** Em tupi antigo, a construção gramatical mais fiel é **Uru** au suí.

O universo linguístico indígena é rico e diverso.

Vocabulário:

- água: y
- amar: uzamutar; waihu
- árvore: ywyrá; 'igaràn (árvore usada para fazer tinta de pintar cuias)
- casa: tàpuz
- chuva: àmàn
- comer: umai'u; u'u
- criança: kwarer
- estrela: zahytata
- flecha: u'yw
- fruta: ma'ywa
- jacaré: zakare
- língua: iapeku
- lua: zahy; huwahu (lua cheia); zahy ruwaka'i (lua minguante)
- mãe: ihy
- não: nan
- onça: zàwàruhu
- pai: tu
- papagaio: azuru

- rio: 'yrykaw; yapyr rupi (rio abaixo); 'y iapy rupi (rio acima); yryhu (rio grande; mar)
- sim: eru'u
- sol: kwarahy
- vento: ywytu; ywytuàiw (vento forte)

Saudações e Expressões Comuns

- **Zane ku'em:** Bom dia
- **Zane karuk:** Boa tarde
- **Zane pytun:** Boa noite
- **Kuteri / Kuri:** Hoje / Agora
- **Pyhewe:** Amanhã

Natureza e Animais

- **Ywyrá:** Árvore
- **'Y:** Água
- **Kwarahy:** Sol
- **Zahy:** Lua
- **Zàwàruhu:** Onça
- **Azuru:** Papagaio

Pessoas e Família

- **Tu:** Pai
- **Ihy:** Mãe
- **Kwarer:** Criança

COMUNICAÇÃO

- **Karo mehe** = 'ontem'
- **Kuteri** = hoje,
- **kuri** = agora
- **Pyhewe** = amanhã
- **Zane kw'em:** 'bom dia'
- **Zane karuk:** 'boa tarde'
- **Zane pytun:** 'boa noite'
- **Zane pytun ou Pihaw ikatu:** 'boa noite'.
- **Ahatá ihé** = 'estou indo embora'
- **Za'uri** = 'tchau'.
- **Aikó aha tari** = 'até logo, já estou indo'.

O tempo Presente do verbo na língua guajajara.

- **Aromo:** 'dia, de dia' **Kuri** = 'agora, já'
- **Kuteri** = 'hoje'
- **He akwaw** = 'eu sei'
- **Ne ere kwaw** = 'tu sabes.'
- **A'e ukwaw** = 'ele, ela sabe'
- **A'e ukwaw wà** = 'eles sabem'.

O tempo passado do verbo na língua guajajara

- **Rakwejz:** ‘passado recente’ **Kwehe:** passado distante’
- **Roko:** ‘passado recente’ **Ri’i:** ‘passado recente’
- **Ruku:** ‘passado recente’
- **Akwej mehe** = ‘naquele tempo’
- **Karo mehe** = ‘ontem’
- **Kwhe mehe** = ‘ontem, antes, antigo’

O tempo Futuro na língua guajajara

- **Nehe:** ‘futuro’
- **Putar:** ‘futuro’ **A’ere** = ‘depois’
- **Pihewe** = ‘amanhã’
- **Pyhewe py** = ‘depois de amanhã’
- **Araha putar** = ‘vou levar’

Interrogação na língua Guajajara

- **Ipurâne** = pergunta
- **Móo** = ‘qual?’
- **Mon** = ‘quem?’
- **Ma’em** = ‘o que?’
- **Ma’e pe:** ‘onde?’
- **Ma’e hehe:** ‘pra que?’
- **Ma’e nere ko haw** = onde tu mora? **Ma’a ne rera?** = ‘qual o teu nome?’
- **Katú ne ru wà** = ‘como estão teus pais?’
- **Ma’a ne ru rera?** = ‘Qual o nome do teu pai?’
Ma’a ne hy rera? = ‘Qual o nome da tua mãe?’
- **He hy hera Rosa** = ‘o nome da minha mãe é Rosa’

Fonte: *Dicionário Guajajara-Português.*

Os arquivos de Língua
e Cultura Dicionário Guajajara-Português
Carl e Carole Harrison ©2013,

Clique ou Acesse o
QR-Code para consultar



GLOSSÁRIO BORORO

Família: Macro Jê

Falantes: 700 a 1000 falantes

Localização: Mato Grosso

A comunidade total do povo Boe (Bororo) é de aproximadamente 1.800 pessoas. No entanto, nem todos são fluentes na língua materna, sendo que o uso do idioma varia conforme a faixa etária e a aldeia.

A população está distribuída principalmente em terras indígenas no estado de Mato Grosso.

Curiosidade: Na língua nativa, a própria palavra *Bororo* (ou *Boe Wadru*) significa “pátio da aldeia”. Ela remete à tradicional disposição circular em que as casas são construídas, formando um pátio central

Termos Centrais

- **Bóé:** Significa pessoa, povo, índio ou ser humano (usado pelos Bororo para referirem-se a si mesmos).
- **Bororo (ou Boe Ecewa):** Significa *Pátio da aldeia*. Na tradição, as habitações ficam dispostas em um grande círculo, fazendo do pátio o centro cerimonial.
- **Bará:** Casa dos homens, um espaço central e sagrado reservado para rituais, reuniões e socialização masculina.

Vocabulário Cotidiano

- **Bai:** Casa
- **Mé:** Fumo ou água
- **Tapira:** Gado (adveio do contato com o português, mas adaptado)
- **Djuco:** Lua
- **Ári:** Linha
- **Itúrua:** Mato
- **Djúo:** Caititu [1]
- **Boe:** Homem, povo, gente.
- **Arua:** Sol.

- **Djuco:** Lua.
- **Bai:** Casa.
- **Mé:** Fumo ou abelha (dependendo do contexto).
- **Póbo:** Água.
- **Tapira:** Gado

Palavra em Bororo	Significado em Português
Aboi	Fogo
Ari	Linha
Bai	Casa
Baigá	Flecha
Bié	Dentes / Orelha
Cãna	Braço
Djuco	Lua
Iárê	Boca
Icûre	Barriga
Inôgua	Beijo
Itúrua	Mato
Mé	Água / Fumo
Póbo	Alto
Qui	Capivara
Tapira	Gado
Tuguê	Arco

GLOSSÁRIO

A

- **Aaru**: espécie de bolo preparado com um tatu moqueado, triturado em pilão e misturado com farinha de mandioca.
- **Abá** (avá: auá: ava: aba): homem, gente, pessoa, ser humano, índio.
- **Ababá**: tribo indígena tupi-guarani que habitava as cabeceiras do rio Corumbiara (MT).
- **Abacataia**: peixe de água salgada, parecido com o peixe-galo.
- **Abaçai**: perseguidor de índios, espírito maligno que perseguia e enlouquecia os índios.
- **Abaetê**: pessoa boa, pessoa de palavra, pessoa honrada.
- **Abaetetuba**: lugar cheio de gente boa.
- **Abaitê**: gente ruim, repulsiva, estranha.
- **Abanheém**: (awañene) língua de gente, a língua que as pessoas falam.
- **Abaquar**: senhor (chefe) do vôo, homem que voa.
- **Abaré**: (aba: ré: rê: abaruna) amigo.
- **Abaruna**: (abuna) amigo de roupa preta, padre de batina preta.
- **Abati**: milho, cabelos dourados, louro.
- **Acag**: cabeça.
- **Acará**: (acaraú) garça, ave branca.
- **Acaraú**: acarai, acará, rio das garças. Diz-se que a grafia com a letra u, com o som de iy).
- **Acemira**: acir, o que faz doer, o que é doloroso (moacir).
- **Açu**: (iguacu, paraguaçu) grande, considerável, comprido, longo.
- **Aguapé** (tupi): (awa'pé) redondo e chato, como a vitória-régia, plantas que flutuam em águas calmas.
- **Aimará**: túnica de algodão e plumas, usada pelos guaranis.
- **Aimirim**: aimiri, formiguinha.
- **Airequecê**: lua.
- **Airumã**: estrela-d'alva.
- **Aisó**: formosa.
- **Aiyra**: filha.

- **Ajubá**: (itajubá) amarelo.
- **Akitái**: (irakitâ: muirakitâ) baixo, baixa estatura.
- **Amana**: (amanda) chuva.
- **Amanaci**: (amanacy) a mãe da chuva.
- **Amanaiara**: a senhora da chuva ou o senhor da chuva.
- **Amanajé**: mensageiro.
- **Amanara**: dia chuvoso.
- **Amanda**: amana, chuva.
- **Amandy**: dia de chuva.
- **Amapá**: (ama'pá) árvore de madeira útil, e cuja casca, amarga, exsuda látex medicinal.
- **Amerê**: fumaça.
- **Ami**: aranha que não tece teia.
- **Anauê**: salve, olá.
- **Andira**: o senhor dos agouros tristes.
- **Andirá**: morcego.
- **Anhangüera**: diabo velho.
- **Anomatí**: além, distante.
- **Antã** (atã): forte.
- **Anacê**: parente.
- **Anajé**: gavião de rapina.
- **Aondê**: coruja.
- **Ape'kü**: (apicum) mangue, brejo de água salgada.
- **Apoena**: aquele que enxerga longe.
- **Apuama**: veloz, que tem correnteza.
- **Aquitã**: curto.
- **Aracê**: aurora, o nascer do dia.
- **Aracema**: bando de papagaios (periquitos, jandaías, araras).
- **Aracy**: a mãe do dia, a fonte do dia, a origem dos pássaros.
- **Aram**: sol.
- **Arani**: tempo furioso.
- **Arapuã**: abelha redonda.
- **Arapuca**: armadilha para aves.
- **Araxá**: lugar alto onde primeiro se avista o sol.
- **Auá**: (avá, abá) homem, mulher, gente, índio.
- **Avaré**: (awa're, abaré) amigo, missionário, catequista.
- **Avati**: gente loura (abati, auati).
- **Awañene**: (abanheém) língua de gente, a língua que as pessoas falam.
- **Ayty**: ninho (parati).

B

- **Babaquara**: tolo, aquele que não sabe de nada.
- **Bapo**: chocalho usado em solenidades.
- **Baquara**: sabedor de coisas, esperto.
- **Biboca**: moradia humilde.

C

- **Caá**: kaá, mato, folha.
- **Caapuã**: aquele ou aquilo que mora (vive) no mato.
- **Caboclo**: (kariboka) procedente do branco, mestiço de branco com índio (cariboca, carijó, caburé, tapuio).
- **Caburé** (tupi): kaburé, caboclo, caipira.
- **Canoa**: embarcação a remo, esculpida no tronco de uma árvore; uma das primeiras palavras indígenas registradas pelos descobridores espanhóis.
- **Capenga**: pessoa coxa, manca.
- **Cari**: o homem branco, a raça branca.
- **Carió**: procedente do branco, caboclo, antiga denominação da tribo indígena guarani, habitante da região situada entre a lagoa dos Patos (RS) e Cananéia (SP), (carijó).
- **Carioca**: kari'oka, casa do branco.
- **Cuica**: ku'ika, espécie de rato grande com o rabo muito comprido.
- **Curumim**: menino (kurumi).

D

- **Damacuri**: tribo indígena da Amazônia.
- **Deni**: tribo indígena aruaque(aruake), que vive pelos igarapés do vale do rio Cunhuã, entre as desembocaduras dos rios Xirui e Pauini, Amazônia. Somam cerca de 300 pessoas, e os primeiros contatos com a sociedade nacional ocorreram na década de 60.

E

- **Eçaí:** olho pequeno.
- **Eçaraia:** o esquecimento.
- **Etê:** bom, honrado, sincero.

F

- **Não há vocábulos.**

G

- **Galibi:** tribo indígena da margem esquerda do alto rio Uaçá, Amapá.
- **Geribá:** nome de um coqueiro.
- **Goitacá:** nômade, errante, aquele que não se fixa em nenhum lugar.
- **Guará (1):** iguara, ave das águas, pássaro branco de mangues e estuários.
- **Guará (2):** aguará, aguaraçu, mamífero (lobo) dos cerrados e pampas (açú).
- **Guarani (1):** raça indígena do interior da América do Sul tropical, habitante desde o Centro Oeste brasileiro até o norte da Argentina, pertencente à grande nação tupi-guarani.
- **Guarani (2):** grupo lingüístico pertencente ao grande ramo tupi-guarani, porém mais característico dos indígenas do centro da América do Sul.
- **Guaratinguetá:** reunião de pássaros brancos.
- **Guariní:** guerreiro, lutador.

I

- **I:** água, pequeno, fino, delgado, magro.
- **Iaé (kamaiurá):** lua.
- **Iandé:** a constelação Orion.
- **Iandê:** você.
- **Iba:** (iwa, iua, iva) ruim, feio, imprestável (paraíba).
- **Ibi:** terra.
- **Ibitinga:** terra branca (tinga).
- **Ig:** água.
- **Iguaçu:** água grande, lago grande, rio grande.
- **Ipanema:** lugar fedorento.
- **Ipiranga:** rio vermelho.
- **Ira:** mel (iracema, irapuã).
- **Iracema:** lábios de mel (ira, tembé, iratembé).
- **Irapuã:** mel redondo (ira, puã).

- **Ita:** pedra (itaúna).
- **Itajubá:** pedra amarela (ita, ajubá).
- **Itatiba:** muita pedra, abundância de pedras (tiba).
- **Itaúna:** pedra preta (ita, una).
- **Ité:** ruim, repulsivo, feio, repelente, estranho (abaité).
- **Iu:** (yu, ju) espinho, (jurumbeba).

J

- **Jabaquara:** rio do senhor do vôo (iabaquara, abequar).
- **Jacamim:** ave ou gênio, pai de muitas estrelas (yacamim).
- **Jaçanã:** ave que possui as patas sob a forma de nadadeiras, como os patos.
- **Jacaúna:** indivíduo de peito negro.
- **Jacu:** (yaku) uma das espécies de aves vegetarianas silvestres, semelhantes às galinhas, perus, faisões.
- **Jacuí:** jacu pequeno.
- **Jaguar:** yawara, cão, lobo, (guará).
- **Juçara:** palmeira fina e alta com um miolo branco, do qual se extrai o palmito.
- **Jurubatiba:** lugar cheio de plantas espinhosas (ju: ru: uba -tiba).
- **Jurubeba:** planta espinhosa e fruta tida como medicinal.
- **Jururu:** de aruru, que significa triste.

K

- **Kaapora:** aquilo ou quem vive no mato, (caapora, caipora).
- **Kamby:** leite, líquido do seio.

L

- **Laurare (karajá):** marimbondo.
- **Lauré (pauetê-nanbiquara):** arara vermelha.

M

- **Manau:** tribo do ramo aruaque(aruake) que habitava a região do rio Negro.
- **Manauara:** natural de, residente em, ou relativo a Manaus (capital do estado do Amazonas).
- **Mairá:** uma das espécies de mandioca.
- **Maní:** deusa da mandioca, amendoim (maniva).
- **Manioca:** mandioca (a deusa Maní, enterrada na

própria oca, gerou a raiz alimentícia).

- **Mandioca:** aipim, macaxeira, raiz que é principal alimento dos índios brasileiros.
- **Maracá:** mbaraká, chocalho usado em solenidades.
- **Massau:** uma das espécies de macaco, pequeno e de rabo comprido, (sagüi).
- **Membira:** filho ou filha.
- **Motirô:** mutirão, reunião para fins de colheita ou construção.

N

- **Nanbiquara:** fala inteligente, de gente esperta.
- **Nhe:** nhan, falar, fala, língua.
- **Nhenhêném:** nheê nheê ñeñê, falação, falar muito, tagarelice.

O

- **Oapixana:** tribo do ramo aruaque do alto rio Branco, Roraima, nas fronteiras com a Guiana.
- **Oca:** cabana ou palhoça, casa de índio (ocará, manioca).
- **Ocará:** praça ou centro de taba, terreiro da aldeia.
- **Ocaruçu:** praça grande, aumentativo de ocará.

P

- **Pará (1):** rio.
- **Pará (2):** prefixo utilizado no nome de diversas plantas.
- **Paracanã:** tribo indígena encontrada durante a construção hidrelétrica de Tucuruí, no rio Tocantins, Para.
- **Paraíba (1):** paraiwa, rio ruim, rio que não se presta à navegação.
- **Paraibuna:** rio escuro e que não serve para navegar.
- **Paraná:** mar.
- **Pauá (tupi):** (pawa, pava) tudo, muito, no sentido de grande extensão.
- **Peba:** branco, branca (tinga, peva, peua).
- **Pereba:** pequena ferida.
- **Pernambuco:** mar com fendas, recifes.
- **Piauí:** Rio de piau (tipo de peixe).
- **Pindaíba:** anzol ruim, quando não se consegue pescar nada.

- **Poti:** camarão.
- **Potiguar:** pitiguar, potiguara, pitaguar, indígena da região nordeste do Brasil.
- **Puã:** redondo (irapuã).
- **Puca:** armadilha (arapuca, puçá).
- **Puçá:** armadilha para peixes.

Q

- **Quecé:** faca velha.
- **Quibaana:** tribo da região Norte.

R

- **Raira:** filho (membra).
- **Ré:** amigo (geralmente usado como sufixo: abaré, araré, avaré).
- **Rudá:** deus do amor, para o qual as índias cantavam uma oração ao anoitecer.
- **Ru:** folha (jurubeba).

S

- **Sapiranga:** olhos vermelhos, (çá: olhos, piranga: vermelhos).
- **Sauá:** uma das espécies de macaco.
- **Sergipe:** rio do siri.
- **Surui:** tribo do parque do Aripuanã, Rondônia.

T

- **Tapuia:** designação antiga dada pelos tupis aos gentios inimigos, índio bravio.
- **Tembé:** lábios (Iracema, iratembé).
- **Tiba:** (tiwa, tiua, tuba) abundância, cheio.
- **Tijuca:** lama, charco, pântano, atoleiro.
- **Tinga:** branco, branca.
- **Tiririca:** arrastando-se, alastrando-se, erva daninha que se alastra com rapidez.
- **Tocantins:** bico de tucano.
- **Tupi (1):** povo indígena que habita(va) o Norte e o Centro do Brasil, até o rio Amazonas e até o litoral.
- **Tupi (2):** um dos principais troncos lingüísticos da América do Sul, pertencente à família tupi-guarani.
- **Tupi-guarani:** um das quatro grandes famílias lingüísticas da América do Sul tropical e equatorial.

U

- **Uaçá:** caranguejo.
- **Uaná:** vagalume (urissanê).
- **Ubá:** canoa (geralmente feita de uma só peça de madeira).

V

- **Vapidianá:** tribo do ramo aruaque do alto rio Branco, Roraima.

W

- **Wapixana:** tribo do ramo aruaque do alto rio Branco, Roraima.

X

- **Xaperu:** tribo da região Norte.
- **Xará:** (X-rer-á) tirado do meu nome.
- **Xavante:** tribo indígena pertencente à família lingüística jê. Ocupa extensa área, limitada pelos rios Culuene e das Mortes, Mato Grosso.
- **Xoclengue:** tribo caingangue do Paraná (rio Ivaí).

Y

- **Yacamim:** ave ou gênio, pai de muitas estrelas (jaçamim).
- **Yamí:** noite.
- **Yapira:** mel (japira).
- **Yara:** deusa das águas, lenda da mulher que mora no fundo dos rios.
- **Yasaí:** açaí, fruta que chora.
- **Yawara (tupi):** jaguar, cão, cachorro, lobo, gato, onça.

Clique ou Acesse o
QR-Code para consultar



GLOSSÁRIO KARIRI-XOCÓ

Família: Macro Jê

Localização: localizado em Porto Real do Colégio, Alagoas

A população **Kariri-Xocó** conta com cerca de 1.700 a 2.500 indígenas, mas a **língua nativa original encontra-se extinta**. Atualmente, todos são falantes monolíngues de portugueses.

O povo **Kariri-Xocó** (localizado em Porto Real do Colégio, Alagoas) recupera e mantém viva a língua **Dzubukúá** (dialeto da família Kariri, tronco Macro-Jê). O glossário abaixo reúne palavras tradicionais e modernas usadas na aldeia.

Expressões e Saudações

- **Bom dia:** Canguepri
- **Boa tarde:** Canguretu
- **Boa noite:** Caui caiaí
- **Guerra:** Marã
- **Coisa boa:** Canghité

Natureza e Alimentos

- **Milho:** Maci (ou Ibu)
- **Galinha:** Sapuca
- **Genipapo:** Mé
- **Água:** Dó
- **Banana:** Bacobá

Vocabulário Moderno

Com a evolução da comunidade, o vocabulário tem sido adaptado para a realidade atual:

- **Loja:** Tayderá (de *tayu* “dinheiro” + *derá* “casa”)
- **Agendar:** Uchye (lit. “tempo grande”)
- **Fazer/Ação:** Tidacrú
- **Memória/Cultura:** Samyá

GLOSSÁRIO KARIRI XOCÓ

A

- Abóbora: Clunienwó
- Aborto: Annu
- Abusões: Yabyki
- Adultério: Abuangate
- Água: Dzü
- Alma: Anhy
- Alunos: Nunhiu
- Amar: Uca
- Amar-nos: Kuca
- Amor de mãe: Kuca Idzé
- Amos: Duca
- Animais: Dzubuyé
- Anteontem: Kayabohó
- Antepassados: Tokonhé
- Antigamente: Quenhié
- Antigo: Kenhiedzé
- Anzol: Yaclaro
- Apostema: Kiki
- Arvore: Sutu
- Ascensão: Bwj (Bvuy)
- Assim fará: Moriquieba
- Ausência: Kenwi
- Ausentes: Inhaa

B

- Barriga: Abuiro
- Barro: Nanhé
- Bebedeira: Ywodó Yerú
- Bexiga: Burõnu
- Bondade: Ilanghi
- Branco (côr): Becu
- Brancos: Kayapli

C

- Calai-vos: Dodcequié
- Caldeirão (panela): Kunhiu
- Caminho: Iuwó
- Caminho: Wowo
- Cantigas: Waiuaca
- Capivara: Doyé
- Carne Salgada: Cradzó
- Casados: Ihemequiete
- Catarro (desinteria): Uhá

- Chamou: Idzeba
- Cobiçar: Iwanhu
- Coisa ruim: Dicangrité
- Com sua: Ideho
- Comem: Doba
- Comilão (Gula): Iburé
- Como diz que é ? : Wankieba
- Companheiro: Wanakidzé
- Companheiros: Irandi
- Confissão: Paduare
- Contra: Clini
- Coração: Wangate
- Corpo: Ibuehohó
- Covo (sexta): Cludimu
- Criaturas: Inhinho Wonhé
- Cruel: Kubuangatea
- Cruz: Crúdzá
- Curar: Wodzodzó
- Curto: Cotó

D

- Daí: Ibó
- Demônio: Nhiewó
- Depois: Kuedi
- Desampare: Yaclaro
- Deste: Moih
- Desterrado: Baecli
- Deus: Badzé
- Deus Índio: Nhinó
- Deus Tupi: Tupã
- Dia (Sol): Ukié
- Diabo: Idzené
- Diabos: Nhienvoá
- Diante: Onadcendi
- Discurso: Vbuiro
- Disse: Moroba
- Dizemos: Kumea
- Doenças: Alizete
- Doente: Dicangrité
- Dois: Witane

E

- E, conjunção, quem? Em,: Andé
- E (É): Anos
- Enganador: Daduple
- Então: Quede

- Entrada: Docli
- Escarro: Burununu
- Estar: Pidehu
- Este: Anli
- Estômago: Vbuiro bom
- Estrela: Batí

F

- Falso: Mepedi, Wapli
- Fará: Quieba
- Febre: Dsebudana
- Febres: Inhiepli
- Feijão: Guinhé
- Festa: Croboe
- Festa tradicional: Soponiu
- Fiéis: Bonhunhu
- Filho: Inhura
- Filhos: Dinhuri
- Fogo: Idhu
- Frutas: Uttihu

G

- Galinha: Sabucá
- Genipapo: Mé
- Grande: Buyé
- Grande Tremura: Tititiba
- Guerra: Marã

H

- Homem: Dsehé, Tsehó (Senhor, gente, criado)
- Homem: Muncuquia
- Homem, senhor: Itsoho

I

- Ilha: Atacapá, Pambu
- Imagem: Ibenhete
- Índio: Nhinó
- Induzi-os: Hecoiba
- Induzir: Ecodea
- Inimigo: Dzumanran
- Inveja: Yenhu
- Irmão: Ipopotea, Popó
- Isca: Raca

J

- Jacu: Câyacú
- Judeus: Judeôa

L

- Lábios: Kuebiá
- Lagoa: Dzurió
- Livres: Kutoá
- Lombo: Kuebuyá
- Lontra: Clini
- Lua: Kâyancu
- Luxúria: Buitone

M

- Madrinha: Idzedete
- Mãe: Idzé
- Maldito: Mohi
- Males: Ibuleé
- Mandioca: Municipal
- Manjar: Hãmi
- Mãos: Damoeda
- Mar: Aindémodzu
- Marca: Maíca
- Matar: Pa
- Mato: Leidce
- Mau (ruim): Buié
- Meia Noite: Kayadé
- Meio Dia: Carai
- Mel: Catti
- Melancia: Behedzi
- Melões: Propwi
- Mocó: Bani
- Monte: Boêdo
- Mulheres: Tsesitea
- Mundo: Radda

N

- Na: Anra
- Não: Kié, quié, Wandi
- Não é tempo: Odeli
- Nariz: Nãbidzé
- No, Na: Mo ↔
- Noite: Kâya, Kaya
- Nomes: Idzete
- Nosso peito: Dicrabu
- Nosso Senhor: Kapadzu
- Nunca mais: Hidzu cayadé
- Nuvens: Aranque-dzó

O

- Oculto: Icodôa
- Olhos: Ipoá
- Orelha: Hibenié
- Ouvidos: Ibenhiá

P

- Padre: Ware
- Padrinho: Irandete
- Pai (Padre): Padzu
- Pai Nosso: Apadzu
- Pão: V-tona
- Pássaros: Iheendzi, Ir
- Pecado: Buanga, bongá
- Pecara: Ibuanga
- Peçonha, adultério, maldade: Abuangate
- Pedir: Cune
- Pedra: Cró
- Peitos: Prabu (Crabu)
- Peixe: Wãmy
- Peixes: Ihendzi, Muidzé
- Pela manhã: lacyé
- Pelo Caminho: Iwow
- Perna: Wõ
- Pescaria: Piedi
- Pessoa: Munhaque
- Plantas: Aindhê
- Pobres: Andsé
- Poderoso: Dicrodicele
- Por (eis que): Uró
- Por ventura: Quide
- Portanto: Inharo
- Preguiça: Inhiconete
- Presença: Penheoa
- Preto (côr): Tapuinhiu, tapuinua
- Primeira: Kumiquea

Q

- Que?: Wide

R

- Rede: Pita
- Remédio: Arandri
- Remédio mágico: Warandzi

S

- Sacerdote: Wareá
- Sal: Nhianhi
- Saliva: Dzacu

- São (verbo): Ibôa
- Sêde: Damadzu
- Seguro (lago, lagoa): Dzuriu, Itiitu
- Senti: Ploh
- Sepultamento: Radamuy
- Ser mau: Cangripluh
- Serpente: Tepiebuiba
- Seu: Dó
- Seus filhos: Dinhunhu
- Sim: Cohó
- Sinal: Mebá
- Soberba: Doicli
- Sol: Vquie
- Soldados: Dínhunhu
- Solteiras: Ihemete, lenete

T

- Tanto: Habbe
- Terra: Radda (Rada)
- Terremoto: Titirada
- Tísica: Baêcla (becla)
- Tiveram: Itsohocli
- Todos (Eles): Buieba (Buyé)
- Três: Witamedi

U

- Umbu: Obó
- Urucum: Bukeke

V

- Vão: Wibeá
- Viagem: Itohiquiete
- Vinho: Yeru
- Visível: Kuáa
- Viu: Netsoba
- Voltaram por água: Dzuwi

Clique ou Acesse o
QR-Code para consultar



GLOSSÁRIO FULNI-Ô

Língua: *Yaahtë*

Família: tronco Macro Jê

Falantes: 3500 a 4000 falantes

Localização: Pernambuco

O **Yaahtë** (ou **latê**) é a língua oficial e viva do povo Fulni-ô, localizado no município de Águas Belas em Pernambuco. Eles são um dos poucos povos indígenas do Nordeste que conseguiu manter seu idioma ancestral preservado e transmitido às novas gerações.

Estima-se que cerca de 3.500 a 4.000 pessoas falem fluentemente o **Yaathe** (ou ia-tê). Essa língua pertence ao tronco macro-jê. O povo **Fulni-ô** é formado por aproximadamente 7.000 a 8.000 pessoas.

Os Fulni-ôs são o único povo no Nordeste brasileiro que conseguiu manter sua língua materna viva e ativa, que é fortemente preservada por meio do convívio diário, das escolas indígenas e do sigilo dos rituais, como o Ouricuri. A língua Yaathe é falada por quase todos os membros da comunidade, desde crianças até os mais velhos.

O vocabulário básico do povo Fulni-ô abrange termos essenciais para a compreensão de sua cultura.

Cultura e Costumes

- **Yaahtë (ou latê):** Significa “a nossa língua” ou “falar”. É o eixo do pensamento, respeito e crenças do povo, considerado o “conforto da alma”.
- **Ouricuri:** Nome do ritual sagrado realizado anualmente em área de caatinga, cujo perímetro é mantido em extremo sigilo. Também se refere ao coqueiro sagrado utilizado para fabricação de artesanato.
- **Cafurna:** Dança tradicional do povo Fulni-ô, passada de geração em geração.

- **Toré:** A manifestação cultural e musical mais tradicional da etnia, símbolo de resistência e união transmitida pelos ancestrais.

Vocabulário Básico

- **A-tó-ya:** Bom dia / Como vai você
- **F-txi-yá:** Mulher
- **To-rák:** Homem
- **Txi-kya:** Criança / Filho
- **O-xi:** Água
- **A-to:** Fogo
- **I-txá:** Sol
- **U-kú:** Lua
- **Ka-txi-á:** Comida / Comer

Elementos da Natureza e Animais

- **A-pu-xá:** Onça
- **Ku-ra-i:** Pássaro
- **Txi-ku:** Cachorro
- **A-to-ki:** Cavalo
- **Kwo-txi:** Árvore

Palavras **Yaahtë (ou latê)**: selecionadas do dicionário de Aluizio Caetano de Sá (2000):^[1]

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
(chulo) peida	Txhia	čhi'a
Abacaxi	xolxetwa	'šolšetwa
Abelha	kalnaldjyoa	kalnal'jo'a
abelha (espécie)	tastoa	'tastoa
abelha (espécie)	txatoska	ča:tos'ka
abelha-mosquito	uxiliane	uši:li'ane
abóbora; jerimum	lexkya	'leškya
açafrão; urucu	fitxia	fiči'a
Acari	fowaxiho	fo:wa'šiho
aceiro; beira	txhikhe	čhi'khe
Água	oya	o:'ya
Alecrim	flethutxia	flethu'čia
alenta-cavalo	ethayokhexwanese	ethayo'khešwanese
Alfavaca	setxhiithdoa	sečhiithdo'a
Algodão	sêya	'seya
almoçar; comer	keka	ke:'ka
alto; grande	etia	eti'a
Amarelo	etsea	eče'a
amargo, amargoso	edaya	eda'ya
Amiga	emtime	em'tine
Amigo	emti	em'ti
Anágua	tsakene	'čakene
andar; viver	ehwka	'ehwka
Anum	setshlaiho	sečhlai'ho

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
anum-branco	setshlaiholeya	sečhlaiho'leya
anum-preto	setshlaiho-txhitxhia	
Aperto	minese	mi:'nese
Aranha	ekhleya	ekhle'ya
aranha (espécie)	tshalea	čha'lea
Arapari	txitxdia	čičdi'a
Arapiraca	txitxdisaka	čičdi:sa'ka
arara (fêmea)	sakkaka	sakka'ka
arara (macho)	thulkya	thul'kya
arara-canindé	akhá	a'kha
ararinha (maracanã)	dotskea	dočke'a
ardência; ardor	momô	mô'mô
Areia	tshaloa	čha:lo'a
aricuri, ouricuri	likuli	liku'li
Ariú	txlelwatxle	člelwa'čle
Aroeira	tshaykya	'čhaykya
Arribaça	txatxi	ča'či
árvore; madeira; pau	txhleka	čhle'ka
Asa	tese	'te:se
axila; sovaco	efeli	efe'li
Azedo	tusia	tusi'a
bacurau; prostíbulo	flaya	fla'ya
Banana	ethatsea	ethače'a
banhar; tomar banho	elkinkya	el'kinkya

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
Baraúna	tyfethea	čfethe'a
barriguda (árvore)	elédonkya	e'ledôkya
Barro	fdoa	fdo'a
batata-doce, batata	dotsaka	dot-sa'ka
Beber	ekhkwa	ekh'kwa
beija-flor	txhilia	čhi:li'a
beija-flor-pardo	txhiltiwa	čhilti'wa
bem (certamente)	dina	
besouro (espécie)	leyoa	leyo'a
bezerro; vitelo	holtyoya	holčô'ya
bicho-de-pé	tkusia	tku:sí'a
bicho; verme	-kofo	
bochecha, face; maxilar inferior; queixo	tabkha	'tačha
bode; cabra	lefeti	lefe'ti
Bom	ekaka	eka'ka
bom-nome	watxaya	wa:ča'ya
Borboleta	fasiska	fa'siska
borrachudo (mosquito)	thoflekka	thoflek'ka
Braço	khotxa	'khoča
braço (parte do braço entre o ombro e o cotovelo)	thafa	tha'fa
Branco	eleya	e:'leya
branco (indivíduo)	klai	kla'ʔi
Brasa	txitia	čiti'a
Buraco	fetoa	fe:to'a
Cabaço	lelmakea	lelmake'a
Cabaço	letdeya	letde'ya
cabaço; porongo	afthoa	'afthoa
Cabeça	etkha	e'tkha
cabeça (pessoa ou animal, contado numericamente); parte; porção	tyfotyfo	čfo čfo
cabelo (em relação ao possuidor); pelo	eli	e'li
cabelo; pelo	leya	le'ya
Cabo	khey	'khey

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
Caborje	txiflatha	čifla'tha
Cachimbo	osea	o:se'a
cachorro, cão	ithlo	i'thlo
Cacimba	ulia	'ʔuli:a
Cacimbão	uliahesa	ʔuli:a'hesa
Cadeira	sekehene	se'kehene
café (grão)	tshdutwa	čh'dutwa
caga-sebo (ave)	txupi	ču:'pi
cágado (d'água)	txhaska	'čhaska
cágado (da terra)	txhoklaia	čhokla-i'a
Cair	etyaka	eča'ka
caititu, porco-bravo	waleya	wale'ya
Caju	axtia	ašti'a
calango (de porte médio); sardão	khdelmalka	'khdelmalka
calango (espécie de pequeno porte)	txika	či'ka
calango; biceps braquial	tafine	ta'fine
Cama	faya	fa'ya
Camaleão	fekhya	fe'khyā
Caminho de São Tiago (Via Láctea)	thunitedjya	'thuniteja
caminho; vereda	sematdi	sema'tdi
cana-de-macaco	donexa	do'ne:ša
Canção	kfowa	kfo'wa
Canoa	oyatsatska	o:ya'čačka
canto; voz	tokke	tok'ke
cão, cachorro	thlife	'thlife
Capim	milyuwa	miļu'wa
capim-açu	neliatkhatsoa	neliatkhat-so'a
Capivara	wale-oyatytyo	
cará (acará)	txidjyoxkyane	'čjšoxyane
caramujo (grande)	tokododo	to:kodo'do
caramujo (pequeno)	walia	wa:li'a
Caranguejeira	tshalea-exitsoa	
caranguejo; jundiá	thletoa	thle:to'a
carão (ave)	khlawkya	'khlawkya
Carcará	thlaka	thla'ka
Carne	utxi	'učši

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
Carnijó	kahnijó	kahni'žo
Cartilagem	mlomlo	'mlomlo
casa; moradia; residência	seti	'seti
casudo (peixe)	txidjyokhlea	'čjšokhle'a
Catingueiro	txixia	čiši'a
cauda; rabo	tato	ta'to
Cavalo	ethayo	etha'yo
Cego	thotho	tho'tho
Cepo	fletwa	'fletwa
Cera	thiayá	thia'ya
céu; abóboda	txha	'čha
chato; largo; longo; espaçoso	exkya	'eškya
Chefe	towte	'towte
chefe; cacique; pajé; cabeça; senhor; pastor	datká	
Cheio	edjywa	'ejwa
cheiro; fedor	etxki	eč'ki
Chorar	khokkya	'khokkya
chorar; lamentar (pl.)	eyoka	eyo'ka
Chorró	lolo	'lolo
Chuva	flithya	fli'thya
cigarra (inseto)	fetxatxihoso	feča'čihoso
Cigarro	inesia	inesi'a
cintura; curvatura	hetha	he'tha
Cinza	feloā	'feloā
cinza quente	fleka	fle'ka
Cobra	fdjyaka	fja'ka
cobra-cega	fdjyaka-thotho	
cobra-coral	utiamlea	utia:'mlea
cobra-de-veado	natya	na'ča
cobra-preta	fdjyaka-txhitxhia	
cobra-verde	fdjakakatxdea	fjakačde'a
Coçar	exkya	eš'kya
coco; coqueiro	khexatkha	khešat'kha
Coelho	tafiakfakhehesa	tafiakfakhe'hesa
coluna vertebral	fothxakhio	fčchakhi'o
Com	tole	'tole

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
Comadre	texone	te'sone
começo, principio	fetsha	'feṣha
começo; pé; tronco; sopé; virilha; causa; por causa de	khetha	khe'tha
Comer	eika	eʔi'ka
comida; almoço	sekha	se:'kha
como?	nati	na:'ti
Compadre	texo	te'so
companheiro; companheiro de dormida	fali	'fali
conteúdo; contento; miolo; enchimento; carga (de arga); a parte interna de qualquer coisa	kodo	'kodo
Coração	latyo	'laço
Corda	txhia	chi'a
corno, chifre	ekhi	e'khi
coroa-de-frade	idia	'idia
corpo; carne; pessoa	ekhe	e'khe
corta-jaca (f.)	lahiane-thulhoso	
corta-jaca (m.)	lahiane-thulho	
corte, fio	tufi	'tufi
Coruja	kololo	kolo'lo
Costas	foṭxha	fo'cha
Cotovelo	fatho	fa'tho
crânio; cérebro, cabeça	tkhadjywa	'tkhajwa
Cueca	xwatkene	'šwatkene
cuia (fruto da cuieira); coité	leṭxidwa	le'čidwa
Cupim	feyanekofo	fe:yaneko'fo
cupinzeiro; cupim	fe:yan	fe:'yane
Curimatã	txidjyothuliane	'čijo'thuliane
Curto	lulia	'lulia
Curumã	txidjoleyane	čijo'leyane
Cutia	tafiatiane	tafiatiane
Dança	sesese	se'sese
dar; produzir	koka	ko'ka

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
de perto de	taxde	taš'de
dedo (da mão); mão	khothle	'khothle
dedo (do pé)	fethle	'fethle
Dente	taxi	'taši
descansar; estar deitado; morrer	saxineka	'saši:neka
Deus	Ediyadwa	e:ja'dwa
Dia	txxaya	čča'ya
dia (tempo em que a terra está clara); de dia	suti	'suti
dia; vida	etxta	eč'ča
Diarreia	lakia	laki'a
direita; destra	sedekse	'sedekse
doar; dar; presentear	etkya	et'kya
doce; gostoso; tranquilo; saudável; bonito	exa	e'sa
Doença	xtiwa	š'tiwa
Doer	tuthyaka	tuthya'ka
Dois	tkano	'tkāno
domir; adormecer	kfafka	kfa'ka
dor; condolência	tuthya	'tuthya
Duro	klila	'klila
ema; avestruz	thodo	'thodo
Embira	duṭxia	du:či'a
Embuá	usia	
enfermidade; doença; mal	etxhō	e'cho
Entrecasca	txmataya	čmata'ya
Enxu	festoa	festo'a
exnu (espécie)	lekhaska	le'khaska
exnu (espécie)	xdia	šdi'a
epidemia (doença); atraso	seaka	sea'ka
Escarro	texlo	'tešlo
escorpião; lacrau	thuskya	thus'kya
Escuro	tasi	'tasi
escutar; prestar atenção	kfalka	'kfalka
Esmagado	txhiya	chi'ya

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
esperma; sémen	khofa	kho'fa
esperto; ativo; grave	etkea	etke'a
espinha, cravo	iya	'i:ya
espinho; espinha (osso de peixe)	selo	'selo
espírito; alma	tatya	'tača
Espuma	tasa	'tasa
Espuma	tkhatxhlo	tkha'čhklo
estrada; caminho	tdia	tdi'a
estrito; apertado	teya	'teya
Estrela	thnia	thni'a
Faca	thlo	thlo'a
facheiro (cacto)	tshalanexa	čhla'neša
fala; palavra; conversa	ethe	e:'the
fantasma; alma	setia	se:ti'a
Farinha	khitxia	khiči'a
Fava	ethaxkya	e'thaškya
Feijão	natsaka	nat-sa'ka
feijão-preto	natsaka-txhitxhia	
Feio	likhi	li'khi
Fel	txhii	chi'i
Fezes	loxa	'loša
Fígado	tatyō	'tačo
filho, descendente; flecha, seta	eka	'eka
Fim	edjyo	'ejo
final; termo; divisa; vinda	etyxi	'ečši
Fino	fedoa	fe'doa
flauta; pífaro	ulili	uli'li
flexível; mole	mem	me'me
Flor	sesili	se:si'li
focinho; tromba; rosto	klexi	kle'si
fogo; fagulha	towe	'towe
folha de coqueiro; choça feita com folhas de coqueiro; coqueiro	mitxia	mi:či'a

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
folha; aba (rebordo de chapéu)	tatxa	'taça
Fome	dokhea	do:khe'a
Formiga	fetalwa	'fetalwa
formiga (espécie)	titiwa	ti:ti'wa
Frio	exia	e'šia
Frio	xia	ši'a
fruta da imburana	tshdika	çhdi'ka
fruta; fruto	esilxa	e:siša
fruto do alastrado	fetka	fɛ'tka
fruto do facheiro	tshnalatka	çhnala'tka
fruto do rabo-de-raposa	txheska	'çheska
fruto; fruta	etha	e'tha
fumaça; fumo	susuwa	'susuwa
fumar; comer; mamar; sugar	eká	e:'ka
fumo (tabaco para fumar)	sedaya	'sedaya
Gafanhoto	fiiliahesa	fli:lia'hesa
Galho	ethle	e'thle
Galinha	setadwa	se:ta'dwa
galo-de-campina	etkhatxlea	etkhaçle'a
Gambá	fekhia	fekhi'a
Ganso	falesaka	'fale:saka
Garça	setoleyane	se:to'leyane
garganta; goela; voz	ewasa	ewa'sa
Gato	tafkexkya	taf'kea
gato-do-mato	utkya	ut'kya
gavião (espécie grande)	itwkwea	'itwkwea
gavião (espécie)	iktoya	'iktɔya
gavião (espécie)	itkea	'itkea
gavião-mateiro	wawa	wa'wa
gavião-mateiro (fêmea)	itoa	'itɔa
gaviãozinho	itoya	'itɔya
Gelo	fowaxia	fo:wa'šia
gente; pessoa; alguém; se; a gente; mundo; humano; ninguém	yasá	ya'sa

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
globo ocular	thusitha	thusi'tha
gomo da palmeira		
ouricuri; palha de olho	kletxa	kle:ça
gordo; gordura	esia	esi'a
grande; maior; superior	ehesa	e'hesa
grilo-topeira, paquinha	thosolmaka	thosolma'ka
grilo; gafanhoto	filia	fli:li'a
grogójó (fruto)	lexkyadaya	leškyada'ya
gusano; lagarta	sekofo	'sekofo
homem; macho	otska	ɔç'ka
imagem; silhueta; sombra	dofa	do'fa
imbu	sehe	'sehe
imbu (maduro)	edjywxiane	eɟwa'šiane
imbu (verde)	txifia	çifi'a
imburana	dowea	'dowea
imburana-de-cheiro	setxhiya	seçhi'ya
imbuzeiro	txiane	çi'âne
inambu	ksoa	kso'a
índio	setso	'set-so
irapuá	suska	'suska
jabuti	txhaka	çha'ka
jaca	lahiane	lahi'ane
jacaré	flixiwa	fliši'wa
jacu (espécie); membrana impermeável do mandacaru	txhifthaya	çhiftha'ya
jandaia	lilisaka-sakhatxhoso	
jaqueira	lahiane-tokhetha	
jararaca	txifowa	çifo'wa
jecatatu	matea	mate'a
jia (espécie)	txhaktoklehene	çhaktokle'hene
jibóia	tiwa	ti'wa
joão-tolo	txelatlxlɛ	çlela'çle
joelho	khatho	kha'tho
juá	lokheatha	lo:khea'tha
juazeiro	lokhea	lo:khe'a

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
jundiá	txidjyokseka	'çijose'ka
jundiá (espécie)	tatoa	ta:to'a
jurema; cachaça	khoxa	'khoša
jurití	küiküi	küi'küi
lábio, beijo	tutxhi	tu'çhi
ladeira	xixya	'šišya
lado	tshakha	çha'kha
ladrão	kekya	ke'kya
lagartixa	göya	gõ'ya
lagarto; teredo	taflekkofo	taflekko'fo
lagoa; lago	waka	wa'ka
lavadeira	seto-setketswhoso	
leito; cama	efa	e:'fa
lenha	tatxha	ta'çha
lenha (pertencente a); riqueza	tatxhi	ta'çhi
levantado (posto em pé); em pé	safete	sa'fe:te
limão	jalbea	žal'bea
língua; linguagem; idioma	ktshale	kçha'le
líquido; água	etso	e'ço
lombriga	fokea	fo:ke'a
longe, distante; fazer tempo	kelya	'keła
macaco	thaysaka	'thaysaka
macambira	xolxaka	šolša'ka
macambira-de-pedra	txolaka	çola'ka
macaxeira (planta)	ekhloá	ekhlo'a
macaxeira (raiz)	ekhlondoa	ekhlōdo'a
mãe	esa	'esa
mãe-da-lua	satya	sa'ça
mama, leite	doya	do:'ya
mama; peito; seio; ubre	kui	ku'i
mamão	doyakhato	doya:'khato
mamão	mamā	mā'mā
mamona	sethidya	se'thidya
mandacaru	sofoya	sofo'ya
mandacaru (a polpa)	dosedjywa	'dosejwa
mandi	tatxia	taçi'a

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
mandi (pequeno)	tatxnikale	tačnika'le
mandioca (planta)	ektondoa	ektôdo'a
manga (fruta)	walkane	wal'kane
mangueira	walka-tokhetha	
mar	txhale	'čhale
maracá	tsaka	t-sa'ka
maracajá	tafkea	taf'kea
maria-de-barro	doxlea	'došlea
marido, esposo	efo	'efo
marimondo	seltoa	
marimondo (espécie preta)	soa	so'a
marimondo-de-chapéu	fedwa	'fedwa
marreco	falê	fa'le
matar (efetuar uma morte)	kfemka	kfem'ka
matar (mais de uma vítima)	ektshaka	ekčha'ka
matar; eliminar; amortecer; mortificar; adornecer	ewkya	'ewkya
mato; mata; pasto	sê	
medicamento; mezinha; remédio	hatyo	'hačo
medo; timidez; temor	else	'ʔelse
medroso; tímido	eltoa	'ʔeltoa
meio; centro; entre	dotka	dot'ka
meio; metade; cintura	tokhe	to'khe
mel	nato	'nato
melancia	etsone	e'čōne
menor; pequeno	ethoya	e'thoya
mês; lua (espaço de um mês)	feyane	fe'yane
metal; ferro	otxha	ɔ'čha
milho	malkawa	mal'kawa
minhoca	fekofo	fe:ko'fo
mocó	thixa	thi'ša
mole	xiwane	ši'wane
mole, frouxo	xiwa	ši'wa

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
mole; fofo	lāwa	'lāwa
morada; casa; lugar	khexi	khe'ši
morcego	madijonkya	'majōkya
morder	ehoka	eho'ka
mororó	tshakhya	'čhakhya
morto; amortecido; defunto	ethdoa	ethdo'a
mosca	oxa	'oša
mosquiteiro	uxiliatytyo	uši:liač'čo
mosquito	uxilia	uši:li'a
mosquito (espécie)	tholfolya	tholfo'la
mosquito (espécie)	uxileya	'ušileya
muçu	txifladjya	'čiflaja
mucunã (semente da mucunã)	setha	se'tha
muito; numeroso; grande; abundante	ekhla	e'khla
mulher	tyai	'čai
mulungu, corticeira	naxia	naši'a
muriçoca	uxiliaselwho	uši:lia'selwho
músculo; vigor	khele	'khele
mutuca	oxaselwhoso	ošaselwho'so
nariz	khletha	khle'tha
necta; pus	tui	tu'i
negro	tupia	tu'pia
nervo	tdidi	'tdidi
noite	ftheyay	fthe'ya
nome	khetxya	khet'kya
novo; moço	titdjyoy	tiťjo'a
nuca; cachaco; ombro	khelekha	khele'kha
número, quantidade	thotyfo	tho'čfo
nuvem	dhldz	'ehlea
óculo	thotkene	'thotkene
omoplate	kfothxa	kfo'čha
onça	klekeniso	kleke:'niso
onça vermelha	klekenihotxlea	kleke:nihočle'a
onça-pintada	klekeniho-fotxha-txhitxhia	
onça-preta	klekeniokhotxatsdaka	kleke:niokhočaqda'ka

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
orelha; ouvido; audição	kfakhe	kfa'khe
osca, taikha	kosene	ko:'sene
osso	ekhio	ekhi'o
ostra	oyakofo	o:yako'fo
outro	esô	e'so
ouvir; escutar; entender; perceber; atender; sentir (cheiro, gosto, sensação física ou moral)	kefkya	'kefkya
ovo	eska	'eska
padre	klaixiwa	klaʔi'siwa
pai	etfe	e'tfe
palha (folha da palmeira ouricuri e outras espécies)	khoxkya	'khoškya
palma forrageira	lefetiakhde	lefetia'khde
panela	dokya	'dokya
pano; roupa	setke	'setke
papa-ovo	thnaska	thna:'ska
papa-vento (camaleão)	thofleka	thofle'ka
papagaio	khwaya	khwa'ya
passarinho	seto	se:'to
pata	falene	'falene
pato	fale	'fale
pau-d'arco	fuxilya	fu'siła
pé; pata	fehe	'fehe
pedra; rocha; serra	fowa	fo:'wa
pedúnculo da macabira-de-pedra	tximthaya	čimtha'ya
pega-pinto (planta)	ethaloya-futyho	
peito; tórax; titela	kohó	ko'hɔ
peixe	txidjyo	'čjjo
pelo; cabelo	ekhali	ekha'li
pênis	eho	e'ho
pensamento; lembrança; audição; ouvido	kfalse	'kfalse
pensar; lembrar	kfalsenkya	'kfalseŋkya

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
pequeno; menor; baixo	ekka	'ekka
percevejo-de-cama	fakofo	fa:ko'fo
peregrino	wahwdoa	wahwdo'a
periquito (espécie)	lilixkya	li'liškya
perna	khaxi	kha'ši
perna; quadril; quarto	exo	e:šo
perto de	-hema	
perto, próximo, cedo; fazer pouco tempo	keseya	'keseya
perto; junto	etsha	e'ṭsha
peru	watsaka	waṭa'ka
perua	watsakane	waṭa'kane
pescador	foenho	fə'ʔəho
pescoço	khokha	kho'kha
piaba	flidjwa	'flijwa
pião (planta)	thoya	tho'ya
piau (grande)	taxnika	tačni'ka
piau (pequeno)	khafxo	'khafčo
piau (piaba)	txhatxleataxywa	čhačlea'tašičwa
picapau	folatata	'folatata
pieto; brônquio; intimo; gênio; intenção; voz	tekha	te'kha
pilão (mão de almofariz)	tôte	'to:te
pimenta	fnaty	'fnačo
pintassilga	txupim	ču'pĩ
piolho	tsfowa	ṭfo'wa
piolho-de-cobra	tsdadaka	ṭdada'ka
pipoca	malyitshasatxdjy	
piranha (peixe)	eflantoso	eflätoso'a
piranhiera	ailoa	'ailca
pitiguari	djyodjy	'jojo
planta do pé	fetea	fete'a
polpa	waldjy	waljo'a
ponta; bico	tfotsha	'tfoṭsha
porca	walene	wa'lene
porco	wale	wa'le
porco-espinho	walesedyane	wale'sedyane

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
porta	khotsa	'khoṭsa
pote, jarra	ixkyane	'iškylene
pouco	efli	e'fli
pouco; alguns; raro	etkhalea	etkha:le'a
povo; multidão	yastoa	yasto'a
preá	tafia	tafi'a
preto; escuro	txhitxhia	čhi'čhi'a
primeiro	klehe	kle'he
púbis; pente (m.)	eholi	eho'li
pulga	thloho	thlo'ho
pulmão; bofe; coração; coragem	osla	'osla
punaré	tafiatatto	tafiatatto'a
quanto	tonana	to'nāna
quarto (compartimento de dormir)	uya	'uya
queixo; mento	tatsa	ta'ṭsa
quem; qual	naxi	'naši
quente; quentura	etxholoa	ečo'loa
rã (espécie)	fedeseulidjyonyka	fde'seulijökyka
rã (espécie); embuá (espécie)	khodusya	'khodusya
rabo-de-raposa	mitxa	'miča
raiz	fese	fe'se
raiz de imbuzeiro	txhia	čhi'a
rало; mole	eslaka	esla'ka
rapaz	txaknexa	čak'neša
rapaz; fulano	tkoda	'tkoda
rapé (tabaco em pó para cheirar)	sedayalxi	'sedayaši
raposa	sethalya	se'thała
raposo	sethalya-otska	
rasga-mortalha	utxixkya	u'čiškyka
ratinho (rato pequeno)	inkyawa	'ikyawa
ratívoro	inkyakhato	ikyā:'khato
rato (espécie)	insakalo	ĩsa'kalo
rato-catita	luxixya	lu'šišya
rato; guabiru	inkya	'ikyā
recifense	palnokado	palnoka:do

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
região; lugar; localidade	khexa	'kheša
relâmpago	flimaya	'flišmaya
reto, ânus; (chulo) cu; nádegas; bunda; anca; fundo	kola	ko'la
riacho	fulitka	'fulitka
rim	txlia	čli'a
rinoceronte	waletia	waleti'a
rio	fuli	'fuli
rir; sorrir	taskya	'taskya
roça; roçado	sekefe	seke'fe
rola-pequena	txika-kyai	
rola, rolinha (ave)	usia	u'si:a
rola; pênis	hoya	ho'ya
roupa	táke	'take
ruim	elkane	'elkane
ruim; mal, perverso; estragado; anormal	elka	'elka
saber; conhecer	ekhdeka	ekhde'ka
sabiá	aisoa	'aisca
sagüim	thiaya	thi'aya
sal	toka	'to:ka
saliva	taxhya	ta'čhya
sangue	txhitxha	čhi'čha
sangue-suga	setxhixihoso	se:čhi'šihoso
sangue; seiva; qualquer líquido do corpo; ânimo	etxhi	e:čhi
sapo	fedesea	fdese'a
saúva	flathea	flathe'a
seco; enxuto	tothdoa	'toṭthdoa
secura; estio	totse	'toṭse
selvagem, do mato; matuto	sêtsa	'set-sa
semente (da fruta)	tediyo	'tejo
seriema	wadjya	wa'ja
Serra	fowane	fo:'wane
sol (astro); ano	so-khlokdonkya	
sol; ano	fetxa	fe'ča
Solução	tyityia	čiči'a

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
Sombra	xaea	šae'a
Sonho	kfotse	'kfoɕe
Sono	txithya	'čithya
sujo; imundo	txhitxhi	čhi' čhi
Suor	txhakhi	ča'khi
talo (de folha de palmeira)	khoxyakhio	khoškyakhi'o
Tamanduá	khdelay	'khdelay
tamanduá-bandeira	khdsaka	khdsela'ka
tamanduá-mirim	khdelaya	'khdelaya
Taoca	fetalwatxlea	'fetalwačlea
Tapuru	yakfo	'yakfo
taquari; canudo de taquari	titinewa	tit'i'newa
Tarafa	tshitshlo	'čhiɕhlo
tatu-bola	neleka	nele'ka
Tatupeba	txhatka	'chatka
tauá (pedra preta, ou tinta preta extarida dessa pedra)	txmaya	čma'ya
tauá (pedra vermelha, ou tinta vermelha extraída dessa pedra)	tiithloa	'tiithloa
teia de aranha	tshiltoa	'čhiltoa
Teju	xoa	šo'a
temer; ter medo; estar com medo	élka	'ʔelka
ter; haver; possuir	sankya	'sākyā
terra (planeta)	feya	feya'ʔa
terra; chão; terreno; lua	feya	fe'ya
terra; terreno; lote	efe	e:'fe
Tesoura	maxia	ma:ši'a
Testículo	séthā	se'tha
Tiçã	txkhetha	čkhe'tha
tigre; onça	klekeniho	kleke:'niho
Timbó	txidjowse	'čijowse
Timbu	seolya	
tinta; pintura; cor	nalxi	'nalši

Português	latê (ortografia)	latê (fonética)
Tocandira	anatxilya	a'načila
Tocandira	kolathlulia	kola'thlulia
todo; tudo	ektoa	ekto'a
tomar; beber; receber; pegar; prostrar-se; respirar	emakkyā	emak'kyā
Tracoma	thotxho	'thočho
Traíra	thofo	tho'fo
trapiá (árvore)	txleska	čles'ka
Três	lixino	li'šino
tripa; intestino	kewa	'kewa
tronco (vegetal ou humano); corpo	ekha	e'kha
tronco; toco; base; ancestral; pai; pé	tokhetha	to:khe'tha
tudo; todo mundo; todo canto	efewde	'efewde
Um	fthoa	ftho'a
Umbigo	kōne	'kōne
Úmero	thafakhio	thafakhi'o
unha (da mão)	khotkya	'khotkya
unha (do pé)	fetkya	'fetkya
Urina	sea	'sea
Urtiga	fakhoa	fakho'a
Urubu	luxutwa	'luštutwa
Velha	fliwá	fli'wa
Velho	efekhla	efe'khla
vento, ar	xmaya	šma'ya
Ver	naka	'na:ka
Vermelho	etxlea	ečle'a
vibora (espécie)	nalyosoane	'nalčosoane
Vida	êfe	'efe
virgem; moça	seya	se'ya
viver; ter ânimo, vida	etxhinkya	e:'čhiŋkya
Vomitir	kokyaka	ko:kya'ka
Vulva	taikha	ta-i'kha
xexéu (japim)	tuxia	tuši'a
xexéu-de-bananeira	khoxtoknya	

Clique ou Acesse o
QR-Code para consultar





Fazer o livro "Histórias sobre a Natureza" revela como a oralidade compartilhada por crianças indígenas em grupos mistos atua como prática pedagógica intercultural, favorecendo a construção coletiva de valores, conhecimentos e vínculos com a natureza.

As crianças indígenas e não indígenas da escola se mostraram criativas, produzindo conhecimentos ambientais por meio da oralidade, imaginação e criação coletiva.

Essas histórias nos conectam ao meio ambiente, aos animais e à importância da conscientização. Elas ensinam sobre preservação do Cerrado, diversidade cultural e o nosso papel como guardiões do planeta. Confira algumas narrativas inspiradoras e seus ensinamentos neste livro maravilhoso feito com muito carinho.

